



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA  
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**PAULO HENRIQUE CIVIRINO COSTA**

**PEDRO LINO CIVIRINO COSTA**

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise de  
professores da EMEIF Duque de Caxias, na comunidade do km 40,  
Município de Rurópolis- Pará**

**ITAITUBA/ PA  
2022**

PAULO HENRIQUE CIVIRINO COSTA

PEDRO LINO CIVIRINO COSTA

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise de  
professores da EMEIF Duque de Caxias, na comunidade do km 40,  
Município de Rurópolis- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para  
obtenção do título de Licenciatura Plena em  
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA  
2022

COSTA. Paulo Henrique Civirino & COSTA. Pedro Lino Civirino.

DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise de professores da EMEIF Duque de Caxias, na comunidade do km 40, Município de Rurópolis-Pará. CLPL da FAI, 2022: CLPL da FAI, 2022.

68 Fls

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2022.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

I. Educação no campo. Desafios. Aprendizagem II Lucia Maria da Costa Cruz. Faculdade de Itaituba- FAI. Itaituba-BR- Pará/2022

PAULO HENRIQUE CIVIRINO COSTA

PEDRO LINO CIVIRINO COSTA

**DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Análise de  
professores da EMEIF Duque de Caxias, na comunidade do km 40, Município  
de Rurópolis- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para  
obtenção do título de Licenciatura Plena em  
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

**BANCA EXAMINADORA**

**Presidente** \_\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

**Orientadora:** \_\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Margaret Ferreira Melo, Esp.

**Avaliador:** \_\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Edilane da Silva Melo, Esp.

Resultado: \_\_\_\_\_ Média: \_\_\_\_\_

Data: 13 de Julho de 2022.

Dedicamos este Trabalho de Conclusão de Curso ao nosso Deus que nos deu força e coragem; e à nossa família em especial, pelo apoio incondicional.

## **.AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos ter abençoado com saúde e nos ter proporcionado forças para suportar todos os desafios enfrentados dentro e fora da faculdade, para que hoje, pudéssemos está concluindo o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Agradecemos também à nossa família, por nos apoiarem em todos os momentos quando tudo parecia difícil e recebíamos lindas palavras de motivação.

Aos nossos pais, que lutaram dia após dia, que lutam ainda, para nos proporcionar apoio incondicional, além dos pensamentos positivos e ajuda financeira.

Aos nossos colegas e amigos que sempre estiveram conosco, no decorrer de todo o curso, com os quais também pudemos contar nas horas difíceis, como a Kerollen Rodrigues, Elizabete Kariolane especialmente, pelas dicas para que pudéssemos continuar e pelas belas palavras motivantes, Luana Souza, Amanda Hellen, Francisco Helder, Jéssica e Stefani.

Enfim, agradecemos cordialmente a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para a nossa vitória, nos ajudando para que a cada dia ficássemos mais fortes, até chegarmos a este momento.

“O mestre disse: Por natureza, os homens são próximos; a educação é que os afasta”.

(Confúcio)

## RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido na EMEIF Duque de Caxias, comunidade do km 40, no Município de Itaituba- Pará, em Novembro de 2021, onde abordou-se os desafios da docência na educação do campo. Iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica e de campo, de cunho qualitativo, exploratório e analítico, por meio de entrevistas com professores da referida instituição. Abordou-se o contexto histórico da educação no campo, os desafios, limites e possibilidades da mesma, como também, estratégias metodológicas, adaptação curricular, dentre outros. Buscou-se responder principalmente, os desafios da docência na educação do campo. Objetivou-se especialmente, identificar as dificuldades da docência na educação do campo, com também verificar estratégias metodológicas para a educação do campo e reconhecer benefícios da contribuição da família no ambiente escolar. Para tanto, ocorreu a coleta e análises das respostas dos professores, com comentários, discursões, sugestões e conclusão de todo o trabalho.

**Palavras- chave:** Educação no campo. Desafios. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

The present work was developed at EMEIF Duque de Caxias, a community at km 40, in the Municipality of Itaituba- Pará, in November 2021, where the challenges of teaching in rural education were addressed. It began with a bibliographical and field research, of a qualitative, exploratory and analytical nature, through interviews with professors from that institution. The historical context of education in the field, its challenges, limits and possibilities, as well as methodological strategies, curriculum adaptation, among others, were addressed. We sought to respond mainly to the challenges of teaching in rural education. The aim was, in particular, to identify the difficulties of teaching in rural education, as well as verifying methodological strategies for rural education and recognizing benefits of the contribution of the family in the school environment. For that, the teachers' answers were collected and analyzed, with comments, speeches, suggestions and conclusion of the entire work.

**Keywords:** Education in the countryside. Challenges. Learning.

## LISTA DE QUADROS

|                  |                                                                                             |    |
|------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>QUADRO 01</b> | Os professores estão qualificados para trabalhar na educação do campo? .....                | 44 |
| <b>QUADRO 02</b> | Quais são os desafios da docência na educação do campo?.....                                | 46 |
| <b>QUADRO 03</b> | Quais metodologias são utilizadas pelos professores no campo? .....                         | 48 |
| <b>QUADRO 04</b> | Quais são os perfis dos alunos que estudam na zona rural?.....                              | 51 |
| <b>QUADRO 05</b> | A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como? .....                        | 52 |
| <b>QUADRO 06</b> | A família contribui com a educação dos filhos? .....                                        | 54 |
| <b>QUADRO 07</b> | Como trabalhados os currículos em sua escola? (Explique há adaptação curricular, etc) ..... | 56 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                     |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                                             | <b>12</b> |
| <b>1     CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO .....</b>                                                                                                          | <b>14</b> |
| 1.1   HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO .....                                                                                                                      | 14        |
| 1.2   A REALIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....                                                                                                                         | 18        |
| 1.3   A NECESSIDADE DE UM OLHAR DIFERENCIADO NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO.....                                                                                 | 26        |
| <b>2     A ESCOLA DO CAMPO: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES.....</b>                                                                                             | <b>31</b> |
| 2.1   ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA A ESCOLA DO CAMPO .....                                                                                                             | 31        |
| 2.2   O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....                                                                                                                   | 34        |
| 2.3   PERFIL DO ALUNO DO CAMPO .....                                                                                                                                | 38        |
| <b>3     DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ANÁLISE DE PROFESSORES DA EMEIF DUQUE DE CAXIAS, NA COMUNIDADE DO KM 40, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS- PARÁ .....</b> | <b>42</b> |
| 3.1   CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA .....                                                                                                                                | 42        |
| 3.2   PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....                                                                                                                             | 42        |
| 3.3   PERFIS DOS ENTREVISTADOS .....                                                                                                                                | 43        |
| 3.4   RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES .....                                                                                                                | 43        |
| 3.5   PROPOSTAS CONTRIBUINTES .....                                                                                                                                 | 58        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>                                                                                                                                              | <b>60</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                                                                            | <b>62</b> |
| <b>APÊNDICE .....</b>                                                                                                                                               | <b>66</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, foi desenvolvido na EMEIF Duque de Caxias, comunidade do k 40, no município de Itaituba- Pará, no período de Novembro de 2021, onde abordou- se os desafios da docência na educação do campo. Iniciou- se com uma pesquisa bibliográfica e de campo, de cunho qualitativo, exploratório e analítico, por meio de entrevistas com professores da referida instituição.

Ressaltou- se o contexto histórico da educação no campo, os desafios, limites e possibilidades da mesma, como também, estratégias metodológicas, adaptação curricular, dentre outros.

Buscou- se responder às seguintes questões, que nortearam o mesmo: Quais são os desafios da docência na educação do campo? Quais metodologias são utilizadas pelos professores no campo? A família contribui com a educação dos filhos? Analisar os desafios dos professores na educação do campo.

Os objetivos consistiram em identificar as dificuldades da docência na educação do campo; Verificar estratégias metodológicas para a educação do campo e reconhecer benefícios da contribuição da família no ambiente escolar.

Após as entrevistas, ocorreu a coleta e análises das respostas dos professores, com comentários, discursões, sugestões e conclusão de todo o trabalho, que foi devidamente estruturado em três capítulos, onde o primeiro, fez uma contextualização histórica sobre a educação no campo, no meio rural, a realidade e as necessidades da instituição escola e de todos os envolvidos.

O segundo capítulo, fez uma abordagem sobre a escola do campo, os desafios, limites e possibilidades, como também adaptação curricular, o professor e as práticas pedagógicas, com o perfil do aluno que estuda na zona campesina.

O terceiro capítulo, enfatiza o resultado do estudo com a caracterização da escola investigada, os procedimentos metodológicos, os perfis dos professores estudados, as discursões, sugestões contribuintes para facilitar o trabalho docente, a conclusão, onde percebeu- se que a educação no campo, na zona rural, tem as suas diferenças, especialmente por manter- se distantes dos grandes centros da zona urbana e o uso da tecnologia que nem sempre funciona, para que seja usada como recursos escolares, dentre outros.

Portanto, é preciso um projeto transformador de educação do campo e de formação de educadores que esteja diretamente relacionado a um projeto transformador de sociedade. Caso contrário, toda ação não poderá passar de reforma de questões específicas de uma realidade contraditória, corrigindo um detalhe, e esquecendo-se de quem vive na zona rural, e precisa também de uma educação de qualidade, pois, tem seus direitos a este aspecto educacional.

## **1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO**

### **1.1 HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

A educação do campo como movimento, compreendido como luta, é recente no Brasil, mas traz em sua construção, a disputa histórica contra os processos de exclusão social. Além disso, suscita reflexões tanto epistemológicas quanto políticas, pois implica não somente na busca por um direito básico, mas o acesso a um espaço estratégico de luta social em busca pela cidadania.

A educação brasileira, historicamente elitizada, foi e ainda é marcada pelos altos índices de analfabetismo, repetência e evasão, o que confirma a grande parcela de excluídos, os que estão à margem do processo de escolarização, visto, ainda, que os atingidos em sua maioria são os sujeitos das camadas populares, as mais simples.

Ao considerar estes fatores, pode-se afirmar que com a Educação do Campo sempre teve seus entraves. Os sujeitos do campo, quando tinham acesso à escola, esta era apresentada nos mesmos moldes das localizadas nos espaços urbanos, sem considerar o contexto, a cultura e os saberes destes povos.

Como relata Paiva (1987), pode-se atribuir como início das primeiras atividades educativas no Brasil a chegada dos jesuítas com o objetivo de cristianizar os indígenas, impondo-lhes, a pedido da Coroa Portuguesa, os padrões da civilização ocidental. Com a adoção do regime escravagista os negros também foram objetos de catequização, de maneira não formal. Embora a educação jesuítica fosse voltada principalmente para as crianças indígenas, no ensino de leitura e escrita, através da catequese, jovens e adultos também sofreram este processo de aculturação e mudança.

Na primeira Constituição Republicana (1891), é retirada referência à gratuidade ao ensino, além de condicionar o voto à alfabetização, isso em um país de maioria analfabeta. Esta Lei abriu mão da organização nacional da educação, deixando como competência dos Estados. Também nesta época aparecem algumas iniciativas autônomas de cursos noturnos, para instrução primária. Já nos anos 20, devido ao elevado número de analfabetos, a crescente urbanização e a necessidade de formação da mão de obra surgem diversos movimentos que reivindicam reformas educacionais urgentes.

Os movimentos operários contribuem para isso, com a crescente valorização dada à educação por estes grupos. Durante os anos 30, o interesse voltou-se pela educação rural, com o objetivo de conter a migração do campo para cidade. Também é neste período (1932) que é construído o Manifesto dos Pioneiros, documento elaborado pelos educadores reivindicando um plano nacional de educação, em virtude da fragmentação e desarticulação do ensino. Os Pioneiros defendiam a educação da população rural, bem como dos trabalhadores das cidades.

Já na década de 40, o que se pode vislumbrar é um aumento significativo no número de escolas, o que não significou aumento no número de matrículas. Cabe ressaltar ainda, que durante todos estes períodos a presença de professores leigos era altíssima, mas era o que tinha para trabalhar na educação.

Na primeira Constituição Republicana (1891), é retirada a referência à gratuidade ao ensino, além de condicionar o voto à alfabetização, isso em um país de maioria analfabeta. Esta Lei abriu mão da organização nacional da educação, deixando como competência dos Estados. Também nesta época aparecem algumas iniciativas autônomas de cursos noturnos, para instrução primária. Já nos anos 20, devido ao elevado número de analfabetos, a crescente urbanização e a necessidade de formação da mão de obra surgem diversos movimentos que reivindicam reformas educacionais urgentes.

Na realidade, a classe operária, é que promoveu sempre, movimentos sociais, que permitem chamar a atenção para que sejam elaborados projetos que atendam às necessidades de quem vive no campo. Sobretudo, diante de tantas evidentes reclamações por uma educação de qualidade, o homem camponês percebeu que o desenvolvimento educacional é o caminho mais certo, que leva o ser humano a exercer sua cidadania, tornar-se um cidadão crítico e reflexivo, tão quanto quem estuda nas zonas urbanas.

Na década de 40, o que se pode vislumbrar é um aumento significativo no número de escolas, o que não significou aumento no número de matrículas. Cabe ressaltar ainda, que durante todos estes períodos a presença de professores leigos era altíssima.

Mas com a LDB 9394/96, em seu Cap. II. Art. 28, as questões da Educação do Campo e suas especificidades são abordadas, ainda que como educação rural, ou para zona rural: Art. 28. Na oferta de educação básica para a

população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I- conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. Diante do exposto, pode-se vislumbrar como o processo de escolarização no Brasil enfrentou, além da morosidade legal, oriunda do descaso das autoridades, um claro abandono dos sujeitos, historicamente excluídos deste processo, servindo a lógica da exploração e manutenção social.

Neste sentido, historicamente os sujeitos do campo foram alvo do abandono e do descaso, principalmente no que diz respeito à escolarização. As políticas públicas não contemplavam os interesses dos homens e mulheres do campo, o que muitas vezes restava a estes sujeitos era a escola da fazenda, onde era reproduzida a educação destinada ao meio urbano, servindo apenas à manutenção do sistema social vigente.

A população do campo, muitas vezes, é vista apenas como dados do IBGE, uma população destinada ao esquecimento. Porém, com o avanço crescente do capitalismo, onde a concentração da propriedade e da renda, aliadas à aglomeração urbana, o desemprego e a intensificação da violência são visíveis, torna-se urgente lutar por um novo projeto de desenvolvimento.

Assim, compreender os camponeses como sujeitos históricos, que buscam na agricultura familiar a base de suas lutas e para tal necessitam de políticas voltadas para a segurança alimentar, a efetivação da reforma agrária e eliminação dos latifúndios, e o desenvolvimento de um amplo programa de educação para as escolas do campo. Desta forma, cabe refletir que,

[...]A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuramente revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos - como "projetos"-, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. [...] (FREIRE, 2005, p.84).

Antes de tudo, falar em Educação do Campo pressupõe mencionar a luta pela terra, onde desde o início da década de 1980 trabalhadores rurais reivindicam uma escola pública em cada novo assentamento ou acampamento da Reforma Agrária. É a partir da segunda metade da década de 1990 que o Movimento Sem Terra (MST), e pouco depois, algumas organizações sindicais e movimentos sociais trazem a educação escolar como ponto de pauta de suas reivindicações. Com a entrada de setores das universidades públicas no debate, trazendo pesquisas e publicações, embates jurídicos e políticos, gera-se assim o “Movimento Nacional da Educação do Campo” (MUNARIM, 2011).

A Resolução CNE/CEB nº2, de 28 de abril de 2008 e as “Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo” são os documentos oficiais normativos onde a expressão “Educação do Campo” aparece pela primeira vez. Como se pode perceber no art. 1º da Resolução nº 2, de 2008: A Educação do Campo compreende a Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida - agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros.

No mais, essa nova concepção, ao contrário da essência da até então Educação Rural, busca além da educação universal um sentido de construção de autonomia e respeito às identidades dos povos do campo. Ou seja, a prática pedagógica deve considerar o contexto dos sujeitos do campo, no que diz respeito a sua cultura, a maneira de se relacionar com o tempo, o espaço e o meio ambiente, o modo de viver e suas relações com o trabalho, vida social e cultural.

[...] A Educação do Campo é negatividade- denúncia/resistência, luta contra. Basta (!) de considerar natural que os sujeitos trabalhadores do campo sejam tratados como inferiores, atrasados, pessoas de segunda categoria; que a situação de miséria seja o seu destino; que no campo não tenha escola, que seja preciso sair do campo para frequentar uma escola; que o acesso à educação se restrinja à escola, que o conhecimento produzido pelos camponeses seja desprezado como ignorância [...]. A Educação do Campo é positividade – a denúncia não é espera passiva, mas se combina com práticas e propostas concretas do que fazer: a educação, as políticas públicas, a produção, a organização comunitária, a escola [...]. A Educação do Campo é superação – projeto/utopia: projeção de que uma outra concepção de campo, de sociedade, de relação campo e cidade, de educação, de escola. Perspectiva de transformação social e de emancipação humana (CALDART, 2008. p. 67-86).

O que se vê demonstrado pelo Movimento de Educação do Campo é muito mais que a busca pela escolarização, mas a construção de um espaço de luta e emancipação dos sujeitos do campo. O anseio por uma educação “no campo”, pois todo povo tem direito a ser educado de preferência onde vive, e “do campo”, como uma educação pensada a partir dos sujeitos, vinculada ao seu meio cultural e a suas necessidades humanas e sociais. Para tanto, as escolas do campo não são apenas as que estão sediadas no espaço geográfico tido como rural, mas são definidas preferencialmente pela cultura, pelas relações sociais, ambientais e de trabalho dos sujeitos do campo, que a elas se identificam e delas fazem parte (MUNARIM, 2011).

Mediante isso, cabe enfatizar o quanto os homens e as mulheres do campo, através de um movimento social de luta constante, vêm buscando seu espaço de acesso à escolarização formal. Assim, pode-se afirmar que estes sujeitos precisam ter seus direitos garantidos, e serem tratados de forma a conceber o espaço, a cultura, o trabalho e as relações sociais como pontos fundamentais para construção de uma proposta de Educação do Campo mais eficiente.

Portanto, no sentido de busca pela humanização, que a Educação do Campo precisa assumir seu real princípio, o de proporcionar além do direito negado a oportunidade da tomada de consciência, de que como seres sociais estes também podem, e devem ser sujeitos de mudança.

## 1.2 A REALIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Na realidade, a educação do campo, nas últimas décadas avança nos espaços de pesquisa sobre escola pública, no esforço de construção de uma metodologia que de conta dos aspectos pertinentes à esfera rural, dando ênfase as características próprias de cada realidade, para tanto, se faz necessário um esforço de integração entre escola e comunidade, com o objetivo de conhecer a realidade a qual a escola está inserida.

O projeto de desenvolvimento agrário está inserido no projeto de desenvolvimento brasileiro. No campo de suas contradições, a lógica estrutural do Estado e a proposição dos Movimentos Sociais tencionam a escola, colocando em disputa o quefazer da prática educativa. Sob um emaranhado de referências práticas e teóricas, na atualidade, intelectuais e educadores buscam o reencontro com a função social da escola, resultando na centralidade investigativa, sobre os desafios a

serem assumidos pelos sujeitos que constituem as particularidades da escola do campo.

Conforme alegam Ferreira; Brandão (2011), ao se estudar a educação do campo, não há como sonegar tais análises, sendo que a temática “Educação do Campo” deixa claro o descaso e forma com que os governantes – elite brasileira – historicamente trataram a educação voltada ao campo denominada como “educação rural”.

Cabe salientar que mesmo quando se formulou políticas ou ações para a educação do meio rural, estas ações seguiram o modelo de educação pensado para a cidade, mesmo material didático, mesmos programas, livros, professores, nunca se pensou ou se observou a necessidade de dar aos povos do campo uma educação capaz de garantir o bem-estar coletivo destas populações e dos indivíduos que dela fazem parte.

[...] A educação do campo é ao mesmo tempo uma inovação e uma resignificação da educação popular para esse momento histórico, o que possibilita dizer que ela se constitui, dependendo de quem a faz (e formula) como educação Popular do Campo. (PALUDO, 2001. p.263)

Desta forma, a retomada de consciência dos direitos, do reconhecimento que a relação entre educação e o protagonismo das classes populares se faz por intermédio da constituição dos movimentos sociais e sua participação efetiva na política e na construção de um novo projeto de sociedade.

A identidade da educação do campo se constrói a partir da identidade e da diversidade cultural de seus sujeitos. Diz respeito à sua realidade, os seus saberes, a memória social, a vontade coletiva ligada a técnica (futuro); aos movimentos sociais e o significado de suas lutas coletivas. Os sujeitos do campo têm direito a uma escola política (crítica e não neutra), com sua pedagogia construída pela ação da história, pela cultura, pelo lugar, pelos seus sujeitos.

A Educação do Campo não existe sem a agricultura camponesa, porque foi criada pelos sujeitos que trabalham na terra. Neste sentido, a concepção de campo e de educação deve contemplar o desenvolvimento territorial das famílias que trabalham e vivem da terra. A agricultura camponesa vive em confronto permanente com a agricultura capitalista. E se o agronegócio avança, também avançam os movimentos camponeses na construção de seus territórios.

Cabe salientar que em um primeiro momento a educação não foi a principal preocupação do Movimento, mas segundo Garcia (2007), a luta pela terra foi mostrando aos seus líderes que era necessário refletir sobre a especificidade dos processos educativos em diferentes contextos (no âmbito dos acampamentos, nas escolas de educação básica, de educação técnica, de educação superior) e, assim, também emergiu uma preocupação com a formação dos profissionais que exercem os trabalhos pedagógicos.

Neste contexto, torna-se um grande desafio, trabalhar levando em conta a articulação escola-comunidade. Porém, os espaços de decisão que pretendem fomentar esse elo apresentam uma dimensão restrita da gestão democrática, quando não se estabelece o diálogo com a comunidade escolar, de forma articulada entre os problemas concretos e o processo educativo.

Há participação dos sujeitos da comunidade nos momentos de integração, no entanto, no âmbito das decisões político-pedagógicas, não se evidencia uma participação efetiva. Outro fator importante está na formação do quadro de professores que estão inseridos na realidade do campo, pois a grande maioria destes é oriunda da zona urbana, não dispondo de condições estruturais para a ampliação das relações com a comunidade local.

Portanto, compreender e reconstruir a relação entre comunidade e escola se torna um desafio necessário à qualificação da prática docente, de modo que esta se volte para a realidade, comprometendo com a construção de uma formação educativa capaz de superar as contradições geradas no antagonismo socioeconômico, político e cultural, que enraizaram na escola por meio de uma pedagogia tradicional e bancária (FREIRE, 1987).

Desse modo, sob proposição de qualificar os processos de ensino e aprendizagem, evidencia-se nos diferentes espaços educativos que este movimento de aproximação do cotidiano escolar com a realidade local, está relacionado com as possibilidades de reorganização dos métodos e conteúdos de trabalho, do tempo e do espaço escola. Bem como, da lógica avaliativa e curricular. Podendo afirmar também, que este desafio, quando assumido por toda a comunidade escolar, pode resultar no estabelecimento de uma nova relação educativa fundamentada na proposta pedagógica comprometida com as reais necessidades da comunidade. Por que é preciso letrar e formar quem também vive na zona rural campesina.

O letramento é um processo que acontece durante a vida inteira, mas que deve ir alcançando graus de complexidade maior, na medida em que a pessoa procura compreender as situações concretas que estão sendo vivenciadas, numa profundidade investigativa, que visa ir além das sensações aparentes, buscando na sua relação com toda a sociedade, as correlações entre a particularidade do vivido e a totalidade das relações estabelecidas no e com o mundo.

Ademais, este processo, apesar de ter relação com a alfabetização, não se constitui como um sinônimo, e além do mais, conforme Tfouni (1995), não depende diretamente da alfabetização como um pré-requisito de seu desenvolvimento. A autora defende que não existe na sociedade moderna o “grau zero” de letramento, em outras palavras, o “iletrado”. O que existe segundo ela, são graus de letramento.

Assim, o professor necessita fortalecer o vínculo com a escola e desafiar-se no desenvolvimento de uma nova postura profissional diante das tomadas de decisões, buscando a compreensão para uma qualificação escolar, visando a construção de um espaço educativo, capaz de desenvolver um processo de alfabetização e letramento comprometido com a formação integral dos estudantes.

Cabe aos professores a compreensão de que seu ofício não se limita a sua sala de aula. Abrange conjuntamente a totalidade das práticas educativas que constituem o cotidiano escolar, exigindo o aprofundamento teórico-prático do coletivo sobre a escola que se tem, e a partir daí assumir o desafio de encontrar possibilidades de transformação para que se torne eficaz.

[...]Entre as transformações fundamentais para a concepção da escola do campo, encontra-se a formação dos educadores, principais agentes deste processo, mas que, muitas vezes, são desvalorizados no trabalho que exercem, e cuja atuação no meio rural é colocada como penalização e não como opção. A não viabilização para a qualificação profissional destes professores diminui sua auto-estima e sua confiança no futuro, o que os coloca numa condição de vítimas provocadoras de novas vítimas, na medida em que realizam um trabalho desinteressado, desqualificado e desmotivado (OLIVEIRA, 2001. p.65)

Atualmente a realidade da educação do campo vem sendo transformada ainda que de forma lenta, por práticas educativas diferenciadas, buscando um comprometimento com os interesses da comunidade local, deste modo, buscando-se uma educação de sentido prático e utilitário, abrangendo as necessidades das escolas adaptadas à vida rural. A educação do campo busca promover uma aproximação entre a escola e a sua comunidade escolar, e também conhecer suas

especificidades, dinâmicas, limites, possibilidades e alternativas, na busca de uma unidade de ação coletiva.

Conhecer o lugar em que a escola do campo está inserida é indispensável ao professor, para que este possa realizar suas atividades educacionais de forma voltada a realidade do aluno, desta forma poderá perceber o seu significado, o valor da história, das raízes campesinas, e a cultura desse lugar. É a partir do lugar que nos identificamos no espaço e no mundo. Neste sentido, é essencial que o aluno compreenda, primeiramente, a realidade no qual está inserido, para que ele atue como agente transformador de seu meio educativo. Assim,

O campo não é atraso, é história vivida. A escola do campo deve ser pensada para que seja viva, e interaja com o lugar e seus sujeitos. Para que a escola do campo seja viva, ela deve ser construída por sua comunidade, pensada para ajudar no processo de desenvolvimento social, para manter a cultura, a raiz e a história daquele lugar. Essa escola deve formar sujeitos participantes e capazes de construir seu próprio caminho, buscando seus direitos e lutando para serem cidadãos do campo. (WIZNIEWSKY, 2010, p. 33).

Ao tratar-se da formação dos sujeitos do campo é de grande importância o estudo do lugar e a valorização do espaço onde a escola rural está inserida. Para que as raízes culturais e sócias espaciais sejam valorizadas é necessário conhecer o lugar, seus significados e representações para a história da sociedade, pois é a partir do lugar que nos identificamos no espaço e no mundo.

Neste âmbito, o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisada de acordo com a trilogia habitante-identidade-lugar, e onde se desenvolve a vida em todas as dimensões.

Desta forma, tem-se buscado construir uma educação do campo, que tenha por objetivo rever os territórios do conhecimento, concedendo aos habitantes das áreas rurais o direito a cidadania, e uma educação construída para o sujeito do campo, com o auxílio desses sujeitos e a partir da compressão e valorização de suas necessidades, culturas e tradições. Conforme Souza (2012),

[...]a educação do campo é uma frente de luta e de enfrentamentos com o Estado, ao mesmo tempo em que se encontra ao lado do Estado e dentro das instâncias governamentais em inúmeros projetos e programas. Trata-se de uma esfera pública marcada pela contradição e pela luta contínua, em que sociedade civil e sociedade política se encontram para a efetivação de direitos sociais. É uma esfera pública tensa, em que a incoerência, o desacordo são o que impulsionam as tensões ideológicas, políticas e jurídicas, também necessárias para o avanço da democracia, (SOUZA, 2012, p. 9).

A formação educacional na educação no campo é necessária uma educação que leve em conta as especificidades dos lugares, uma vez que, cada fragmento do espaço possui formas de vida diferenciadas, o que demanda um olhar pedagógico que contemple essas diferenças, respeitando e valorizando o saber social da comunidade que ali produz e reproduz seu espaço de vida.

Realmente é através da vivência do educador na comunidade escolar, que se constrói os saberes ligados a realidade do lugar no contexto da vida das pessoas, e a forma de produção no espaço tempo, sendo de vital importância que o professor conheça a realidade da comunidade escolar.

O ambiente Escolar é o espaço político e pedagógico onde o projeto desta é considerado um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade. Propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania, pois a possibilidade de construção do projeto passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isso significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, diálogo, fundado na reflexão coletiva e cultural.

Assim, identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais, em defesa de projetos que associem as soluções exigidas, por essas questões, à qualidade social da vida coletiva no país, assim como sinaliza o Art. 2º (BRASIL, 2002, s/p).

A escola que, trata-se de seus processos de ensino e de aprendizagem, considera o universo cultural e as formas próprias de aprendizagem dos povos do campo, que reconhece e legitima esses saberes construídos a partir de suas experiências de vida; uma escola que se transforma em ferramenta de luta para a conquista de seus direitos como cidadãos e que forma os próprios camponeses como os protagonistas dessas lutas e intelectuais orgânicos da classe trabalhadora e de direitos.

Ao longo da história do Brasil o processo de exclusão social e também político, econômico e cultural, sempre estiveram presentes e eram tidos como algo “natural”. Ainda nos dias atuais, fazer uma referência a este processo de exclusão não leva a um debate tranquilo, a resistência ainda é forte por parte da sociedade

neoliberal, principalmente por aqueles que ainda se beneficiam com a exclusão social.

Pinheiro (2011) afirma que, [...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...]

A autora apresenta os avanços e as lacunas que ocorreram na educação no Brasil nas últimas décadas, pois tudo foi se inovando no campo, menos na educação, a não ser como resultado das pressões dos movimentos sociais organizados.

Assim, é a escola proporciona recursos e meios de informação, mas para estar informado exige do ser humano muita leitura e interesse em busca de notícias e a situação econômica e social. A informação é uma necessidade e facilita a sua convivência em qualquer classe social, isto leva a compreensão dos valores. Aprender a pensar, criar estratégias, saber diferenciar necessidade de excesso, criar sujeitos pensantes e críticos.

Busca auxiliar no desenvolvimento de habilidades, criatividade e competência do professor, dando-lhe maiores condições de atuação através de reuniões de estudos e jornadas pedagógicas, participação em seminários, palestras tendo como centro a aprendizagem do aluno.

A escola no Brasil historicamente na prática, produziu um quadro de exclusão das camadas baixas da sociedade. De acordo com Castro, além de a escola da segunda metade do século XX ser excludente, também,

[...] não se tornou uma instituição democrática. Ela não é acessível a todas as classes sociais [...]. Exige, portanto, que eles (os alunos) percebam o sentido de suas atividades e respondam a suas demandas [...] demonstra que é uma instituição burguesa, pois opera um modelo elitista ajustado apenas à realidade das classes privilegiadas (2003, p. 29).

Nesta condição, os alunos oriundos das camadas economicamente menos abastadas, ao chegarem aos centros urbanos não se identificavam com a escola, a educação, seus conteúdos e finalidades, pois a diferença entre vivência, prática e o conteúdo estudado pelas escolas urbanas eram distantes de suas origens

camponesas. Esta dicotomia entre a escola e os alunos conduziu muitos alunos a abandonarem as escolas, causando a evasão escolar ou o fracasso propriamente dito.

Neste sentido, compreende-se que para resgatar e construir uma identidade do homem e da mulher do campo é necessário que haja mudanças culturais e comportamentais. A educação do/no campo enquanto fundamento histórico recria o conceito de camponês, utilizando a zona rural como símbolo significativo, referindo-se assim, ao conjunto de trabalhadores camponeses ou que habita no campo.

A Educação do Campo, diferente do modelo neoliberal de educação, contribui com a construção de uma memória coletiva, do resgate da identidade do homem do campo por meio da educação junto às crianças, jovens e adultos, criando o sentimento de pertença ao grupo social ao qual a educação do/no campo está inserida, seja nas escolas dos assentamentos, acampamentos ou nas escolas em distritos, glebas, patrimônios, seringais ou comunidades quilombolas. Comilo (2008) ressalta que,

[...] Muitas vezes o camponês recusa-se a assumir sua identidade, pois, ao longo de sua história, foi considerado como “rude” e inferior. O próprio campo é visto como um espaço inferior à cidade. A consciência de classe passa pela consciência de identidade, que, no caso aqui discutido, é a da cultura camponesa [...]. (COMILO. 2008, p. 21)

Verifica-se que a preocupação pela formação da consciência, do resgate da memória coletiva e da cultura camponesa não estão presentes junto aos camponeses contemporâneos nem junto aos diretores e corpo pedagógico das escolas de municípios, distritos e patrimônios de características rurais que poderiam desenvolver projetos de educação do campo, respeitando a realidade onde estão inseridos.

O ser humano é essencialmente social e sua identidade constrói-se na interação com o outro e com o meio. Através das relações sociais, cada um vai configurando uma identidade pessoal. Ao trabalhar coletivamente todos crescem, a escola, a comunidade e os alunos. É na discussão com o grupo e na interação que desenvolve-se o potencial de participação, cooperação, e respeito mútuo.

Frente a essa realidade, faz-se necessário, formar um cidadão que seja capaz de interferir na sociedade diretamente no meio em que vive, é imprescindível lançar mão do instrumento mais decisivo de inovação, a capacidade de reconstruir o

conhecimento, pois a escola é o local mais privilegiado para a construção de cidadãos dotados de qualidade formal e política. Busca-se assim, uma sociedade mais participativa, humanitária, onde todos tenham oportunidades iguais, respeitando as diferenças, classes sociais racionais ou credo que está inserido.

Considera-se que o educador na atualidade, não responde apenas por seu grupo de alunos, a ele cabem responsabilidades perante o seu grupo e a escola, onde atua. É nesse espaço, por meio da participação no projeto pedagógico, que novas atitudes podem ser criadas e uma cultura profissional, baseada na responsabilização pessoal e coletiva.

A identidade de um lugar seria deste modo, a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade, associando-se, desta forma, ao conceito de lar. (FERREIRA, 2000, p. 68).

Quando se trata da formação dos sujeitos do campo, é de grande importância o estudo do lugar e a valorização do espaço onde a escola rural está inserida. Isso, por que as raízes culturais, sociais e tradicionais sejam valorizadas é necessário conhecer o lugar, seus significados e representações para a história da sociedade, pois é a partir do lugar que nos identifica-se no espaço e no mundo.

Na prática, os trabalhadores rurais precisam quebrar os preconceitos, no sentido de mudar a visão que a sociedade brasileira tem em relação a eles próprios e neste contexto, as escolas existentes no campo, fora do âmbito dos assentamentos e acampamentos, poderão contribuir com a mudança de paradigma, contribuindo com as lutas por melhorias na educação e na vida no campo.

Apesar dos avanços em vários aspectos, a exemplo de leis, métodos pedagógicos e ou materiais didáticos, ainda há muito que se construir para que se tenha uma educação de qualidade também para os cidadãos que vivem no campo.

### 1.3 A NECESSIDADE DE UM OLHAR DIFERENCIADO NA ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO.

A educação do campo é peça fundamental para o desenvolvimento humano de quem vive na zona rural. Sem educação no e do campo, este voltaria aos tempos coloniais onde a educação era relegada apenas a uma minoria, portanto, torna-se urgente que nossos governantes invistam maciçamente de forma ordenada e

sistemática na educação para os povos do campo, buscando um maior envolvimento sócio cultural, financeiro e modernizador, seja em técnicas de cultivo, seja em técnicas de ensino e outros recursos viáveis.

É preciso repensar a forma com que as escolas estão recebendo a denominação de “escolas do campo”, pois, estas escolas que conseguem a denominação de “escola do campo” não atendem as especificações éticas e morais, bem como, seus educadores não recebem ou receberam uma formação adequada que propicie a eles, condições para fazerem ou administrarem esta transição da forma mais natural possível, acrescentando e integralizando os conteúdos nas suas aulas. Foram feitas apenas adaptações nos currículos e no Plano Político Pedagógico em atendimento às exigências impostas para estes estabelecimentos, continuem com esta denominação, para que não percam as vantagens econômicas (GEHRKE, 2010).

A escola precisa urgentemente de práticas pedagógicas inovadoras que valorizem os conhecimentos naturais do camponês, precisamos nos inteirar, buscar novos autores, e novas formas de melhorar essas práticas. Relatos como os acima já podem ser um dos caminhos para que essa modernização das práticas pedagógicas aconteça.

O ambiente escolar campesino vem sendo dialogado desde o início do século passado, porém, sempre foi deixada em segundo plano, mas, a partir da politização dos camponeses através dos movimentos sociais do campo, ela tem buscado o seu espaço através da luta dos trabalhadores visando a construção da sua identidade.

Neste sentido, procura-se manter viva a sua memória de origem, vivenciando a organicidade e a formação humana, tentando garantir a apropriação dos conhecimentos avançados, e trabalhando a mística da vida e a pertença a classe trabalhadora. Porém, a Escola do Campo só acontece de fato e se for sustentada politicamente pelos movimentos sociais e políticas apropriadas.

Compreender o lugar da escola na Educação do Campo é ter claro que ser humano ela precisa ajudar a formar, e como pode contribuir com a formação dos novos sujeitos sociais que se constituem no campo, hoje. A escola precisa assumir a sua vocação universal de ajudar no processo de humanização, com as tarefas específicas que pode assumir nesta perspectiva. Ao mesmo tempo é chamada a estar atenta à particularidade dos processos sociais do seu tempo histórico. (CALDART, 2005, p. 30).

A partir da década de 1950, com o advento da modernização e do desenvolvimento industrial no Brasil, começa-se um movimento em torno da fusão entre o urbano e o rural, o que faria desaparecer dentro de algumas décadas a sociedade rural. Essa fusão do campo e da cidade garantiria o desenvolvimento comunitário e se daria a partir da difusão das técnicas, valores e hábitos de origem urbana, que resultaria na perda dessa distinção entre campo e cidade, sendo diluída num continuum onde a lógica urbana seria a hegemônica (CARNEIRO, 1999).

Conforme SILVA (2000), a partir desse movimento a escola passa a ser vista como sinônimo de mudança, porém a educação não avança, mesmo com o crescimento populacional tanto no campo quanto na cidade, devido à falta de vontade política onde o Estado somente buscava soluções emergências diante das pressões impostas pela sociedade, que buscava uma escola pública, gratuita e de qualidade.

Assim, o Governo militar, mesmo causando um grande retrocesso educacional, começa a preocupar-se com o analfabetismo e cria então alguns mecanismos para tentar diminuí-lo, entre eles o MOBRAL, que pouco ou quase nada surtiu de efeito. Com o fim da Ditadura, começa-se a reorganização dos movimentos sociais, entre eles o MST, que, torna-se o mais importante defensor da educação rural no país, pois, se temos avanços atualmente, são graças principalmente a esse e a outros movimentos que tem tornado a educação do campo tema constante no Meio Político, Social e Eclesial; o que tem contribuído muito para a essa nova visão em relação à “Educação do Campo” que busca-se.

O termo “educação do campo” tem um sentido amplo e complexo, portanto, não deve ser entendido apenas como sinônimo de ensino. Este conceito fundamenta-se na prática educativa que temos desenvolvido nos movimentos sociais, nas diferentes organizações que atuam com educação, e na LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, que determina em seu art. 1º: “A educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

A educação é essencialmente um processo de aquisição de conhecimentos necessários ao homem no seu intercâmbio com a natureza e com os outros indivíduos. Esse processo de aquisição do conhecimento ocorre no próprio contexto

do processo de trabalho e dele é fruto. A reflexão sobre os desdobramentos de uma política educacional que venha levar a uma emancipação humana, conduz-se a pensar em novas estratégias de luta, no sentido de mudar profundamente uma realidade social.

Considera-se que não pode-se ignorar e menosprezar a questão da transformação via educação, sabemos que a mudança estrutural de uma formação social requer diferentes estratégias e ações, mas junto com as ações políticas e econômicas, precisamos de ações que façam mudanças culturais para promover a transformação de valores e princípios.

Portanto, a educação do campo não está atrelada apenas à escola e sim deve estar presente no movimento e na organização do povo. Devemos lutar para que a educação seja pública, gratuita e de qualidade. Atualmente os movimentos sociais, eclesiais e políticos, têm proporcionado experiências educacionais muito boas e modernas que estão propiciando uma inovação na forma de ver a Educação do Campo.

Devido a isso ela está, cada vez, mais, sendo vista como um direito fundamental e uma responsabilidade social que os governantes de todos os países devem assumir junto a sua população, pois a escola básica, pública e gratuita continua sendo o espaço privilegiado para a aquisição de competências e habilidades fundamentais ao exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

Essa nova perspectiva de educação para o campo orienta-se em um novo paradigma. É uma perspectiva que procura questionar o conhecimento científico considerado universal e a transposição do conhecimento das escolas urbanas para as rurais.

São interrogações que vêm da diversidade dos movimentos sociais e dos povos do campo organizados. Esses movimentos reverteram a imagem dos povos do campo de “sujeitos vistos como ignorantes, serviçais, massa fácil de manobra das elites agrárias e políticas” e “receptores de dádivas” para “construtores das políticas públicas como sujeitos coletivos” (ARROYO, 2004, p.13)

Intencionando-se lutar contra essa realidade, a escola, enquanto uma das esferas de capacitação do trabalho pode e deve atuar diretamente na busca da modificação da realidade vigente, propondo aos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o repensar das estruturas sociais. Logo, deve-se acreditar no

poder de mobilização e transformação dos movimentos sociais, sindicais e da sociedade como um todo.

Também, percebe-se que há necessidade de práticas educativas de qualidade, comprometidas com a ruptura de paradigmas da educação dominante e alienante e, conseqüentemente descompromissada, viabilizem a formação crítica e de consciência, tanto no campo quanto na cidade.

É a busca do direito à diferença que exige a especificidade sem desvalorização, a alternativa sem culpabilização, a aplicação rigorosa de um imperativo categórico [...] “temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 2003, p. 339).

Todavia, ao surgir a partir das lutas dos trabalhadores, a educação do campo nasce de outro olhar sobre o campo, sobretudo de um olhar sobre o papel do campo em um projeto de desenvolvimento e sobre os diferentes sujeitos que estão distante das zonas urbanas.

A democratização do acesso e a garantia de permanência apontam para que a educação do campo seja tratada como direito a uma escola pública de qualidade, é preciso buscar superar a dicotomia entre quantidade e qualidade, ou seja, a ampliação do acesso é importante, mas é fundamental assegurar a permanência na escola, uma educação integralizada e um desenvolvimento adequado sem distinções de espaços e atores.

## **2 A ESCOLA DO CAMPO: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES.**

### **2.1 ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA A ESCOLA DO CAMPO**

Entende-se que, as adaptações curriculares são essenciais para a prática de respeito à diversidade, para que a escola possa diminuir as barreiras de aprendizagem e proporcionar acessibilidade ao currículo para todos. Diante disto, esse estudo é movido pela inquietação em compreender como e quando são realizadas as adaptações curriculares na escola, como se dá a inclusão desses alunos nas atividades cotidianas, como vem sendo avaliados, quais os resultados tem sido alcançados até o momento e qual a perspectiva do professor diante desse desafio.

Na realidade, a adaptação ocorre momento em que, por consequência dos impedimentos da deficiência, o aluno não consiga acessar o currículo comum a todos os estudantes. Ou seja, a partir de um currículo flexível, com o objetivo atender à diversidade de todos os alunos, se faz possível a realização das adaptações curriculares de acesso aos conteúdos para os alunos que dela necessite, sendo essa adaptação o objeto a ser objetivado.

É importante destacar que a flexibilização e a adaptação curricular não podem ser compreendidas com simples retirada, acréscimo ou modificações de conteúdos, avaliações e formação do currículo. Essas alterações devem ser realizadas de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, pois, existem conhecimentos que são imprescindíveis para a aquisição de novas aprendizagens e que não podem ser retiradas do currículo, mas podem ser flexibilizadas. Minetto (2008) frisa que,

[...] o currículo flexível que acolhe as adaptações curriculares tem na sua proposta pontos de destaque como, por exemplo, a compreensão de que a decisão da necessidade de adaptações não é individual (do professor ou do orientador), mas sim de responsabilidade de todos os envolvidos e, por isso, distribui responsabilidades, incluindo aí à família. O sucesso não depende somente de uma pessoa, mas da participação de todos. (MINETTO, 2008, p 67)

Neste sentido, para que a inclusão ocorra se faz necessária uma rede de apoio a esses alunos. Ou seja, Professores de salas regulares, professores de atendimento especializado, gestores, psicólogos, família e demais profissionais da

educação devem trabalhar em sintonia e coerência para que essa rede seja o diferencial para viabilizar a inclusão do aluno.

Faz-se necessário lembrar que, uma prática fundamentada na visão tradicional de ensino homogeneizador se evidencia como uma barreira significativa, dificultando a mudança necessária no sistema educacional. O currículo acessível faz com que a proposta de inclusão se dê de forma mais eficaz, pois a partir do momento que o aluno é atendido com um olhar para as suas necessidades, fazendo uso de ferramentas adaptadas e gozando de igualdade de direitos, a inclusão se dá de forma plena. Neste trabalho, apresentaremos os resultados sobre as adaptações curriculares realizadas pelo professor para alcançar um ensino inclusivo. Conforme Minetto (2008),

[...]as adaptações curriculares requerem um conjunto de recursos e forças que podem fazer a diferença tanto pra o aluno quanto para o professor, minimizando as dificuldades e organizando as ações para que a inclusão não seja um devaneio otimista. (MINETTO, 2008, p.80)

Neste caso, junto com a necessidade de mudança nos pensamentos e nas atitudes tanto da sociedade quanto da escola, vem o desafio de saber desenvolver e criar estratégias para auxiliar a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais. Deste modo, é importante que a escola e o professor compreendam que, qualquer modificação que necessite ser realizada, por menor que seja, é considerada uma adaptação.

É bom lembrar que essas adaptações podem abranger modificações físicas, metodológicas e o uso das tecnologias assistivas em sala de aula com o objetivo de promover a autonomia e a possibilidade de realização de tarefas. Para que todo esse processo seja eficaz, é de extrema importância que se conheça o aluno e suas particularidades, para assim, definir quais serão as adaptações necessárias ao aprendizado.

Diante disso, é a partir das informações que a escola e os professores têm a respeito do aluno que é possível fazer as devidas modificações para promover a inclusão na escola e na sala de aula. As adaptações curriculares podem se caracterizadas como adaptações de grande porte e as adaptações de pequeno porte. (BRASIL, 2000).

Assim, as adaptações de grande porte compreendem modificações maiores de natureza política, administrativa, financeira, burocrática que altera significativamente os documentos oficiais da escola, e que extrapola a área de atuação específica do professor, das quais podemos citar a criação de condições físicas, ambientais e materiais para o aluno, adaptação e aquisição do ambiente e do mobiliário específico, aquisição de instrumentos e equipamentos que favoreçam a comunicação e a participação do aluno nas atividades escolares como softwares educativos específicos, computadores, dentre outras. Minetto (2008),

Após um conhecimento prévio, podemos definir os conteúdos programáticos a serem trabalhados e, a partir dos objetivos definidos, selecionar o que ensinar. Dos conteúdos que estão estruturados para determinada turma, analisar o que seria adequado para aquele determinado aluno, o que seria necessário a ser acrescentado [...].(MINETTO, 2008,p.70)

Desta forma, as adaptações na sala de aula, estão fundamentalmente relacionadas à: adaptações de conteúdos de aprendizagem, aos objetivos, a metodologia e a avaliação. Ao professor cabe a responsabilidade de realizar ajustes nos conteúdos e objetivos pedagógicos priorizando, introduzindo, reformulando e em alguns casos eliminando determinados conteúdos ou objetivos, cuidando para que não sejam retirados aqueles considerados básicos para o ensino.

O currículo não está simplesmente envolvido com a transmissão de “fatos” e conhecimentos “objetivos”. O currículo é um local onde ativamente se produzem e se criam significados sociais. Esses significados, entretanto, não são simplesmente significados que se situam no nível da consciência pessoal e individual. Eles estão estreitamente ligados às relações sociais de poder e desigualdade. Trata-se de significados em disputa, de significados que são impostos, mas também contestados (SILVA, 2010, p. 56).

Pode-se admitir que, as adaptações curriculares são de fato um elemento fundamental para a inclusão, e que a partir delas é possível tornar os conteúdos, metas e avaliação mais próximas das possibilidades dos alunos. Ao analisar essa questão, constantemente no processo de inclusão, e entendem esse processo como adaptações curriculares são ações de respeito ao ser humano e as diferenças, bem como compreendem a dificuldade que é realizá-las e as entendem como um grande desafio, enfatizando a importância de uma boa formação e a existência de formações continuadas.

## 2.2 O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Está evidente que o papel da escola está, além do ensino das matérias tradicionais, para que a educação seja na realidade, integral. E para que possa-se entender esse aspecto que perpassa o ensino das matérias é preciso compreender que tipo de proposta metodologia está sendo desenvolvida qual a concepção de educação gerida pelo docente que é o agente educacional. Diante desta perspectiva, a prática pedagógica deve compreender que a educação é um processo histórico e social, dando sentido a todo tipo relação que emerge do contexto social e educacional, a partir da interação estabelecida pelos sujeitos, nos momento e espaço.

Diante disto, tem-se o entendimento que as relações que se estabelecem no meio em que o aluno está inserido, propiciará no seu desenvolvimento, na sua aprendizagem. É a interação contribuindo para a aprendizagem humana, já que o homem é um ser estritamente natural.

Nesta situação, quando trata-se de processo educacional, o fazer pedagógico recebe destaque; pois, é nesse contexto que se estabelece a relação complexa do ensinar e aprender, como afirma Zabala (1998) que,

[...]os efeitos educativos dependem da interação complexa de todos os fatores que inter-relacionam nas situações de ensino: tipo de atividades metodológicas, aspectos materiais da situação, estilo do professor, relações sociais, conteúdos culturais, etc.[...] (ZABALA, 1998, p.15)

Assim, constitui toda a complexidade que a educação precisa para acontecer, tornando-se de fundamental importância refletir o papel do professor, tendo em vista que a partir da sua concepção de mundo o mesmo pode desenvolver atividades que forme cidadãos emancipados, com conhecimentos diversificados ou até mesmo interferir sobre algo relativo à identidade de um povo, tratando-se na realidade, na questão curricular, que também envolve as práticas docentes.

Quanto à metodologia, é de extrema importância que o professor observe as necessidades de cada aluno, mesmo os alunos com o mesmo tipo de deficiência podem necessitar o uso diferentes tipos de adaptações de metodologia e de atividades para diferentes conteúdos e objetivos. Diante dessa demanda, a

avaliação também precisa ser reformulada, com auxílio de múltiplos instrumentos que possibilite a realização da atividade e da autonomia do aluno.

Na realidade, estas são questões que geram situações que exigem reflexão quanto à postura e a prática pedagógica a ser desencadeada pelo professor, das estratégias eficazes e apropriadas ao utilizar-se a teoria e a prática, especialmente para a educação com classes organizadas e quando há, inclusive, classes multisseriadas, típico das escolas campesinas. Veiga (1989), enfatiza que,

Uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social que pressupõem a teoria-prática, e é essencialmente nosso dever como educadores a busca de condições necessárias à realização. (VEIGA, 1989, p.16)

Diante das questões sociais que circundam o meio escolar tornando essencial relacionar questões teóricas com as práticas, sem a necessidade de utilizar caminhos distintos. Estas não podem separar-se. Muitas vezes são feitas comparações entre elas, no que se refere a atuação pedagógica, por vezes separando uma da outra como polos apostos, desconsiderando uma e privilegiando a outra ou as unificando com os mesmos objetivos e finalidades. Precisa-se trabalhar de forma unificada, para que os conhecimentos realmente sejam concebidos.

Nesse sentido, é importante afirmar que toda ação pedagógica requer uma reflexão sobre a construção do saber, na medida em que compreender o ato de ensinar não constitui em uma transferência de conhecimento; mas que a construção de práticas educativas em escolas do campo deve se basear em diferentes iniciativas que vise uma melhor qualidade de vida, abordando o mundo do trabalho, buscando sempre elevar a auto-estima de ser agricultor ou agricultora, ou mesmo aquele tipo de sujeito que tem sua vida de forma diferente da região urbana. Assim, as metodologias podem ser variadas, a partir do que se tem em mãos.

Deve ser adequada a realidade do campo, resgatando os materiais disponíveis no meio ambiente, conhecimentos que os pais, os estudantes, os técnicos, as lideranças da comunidade possuem sobre as diferentes temáticas a serem trabalhadas. Nesse processo o professorado não é o único a ter conhecimento, embora tenha papel fundamental na aprendizagem. (CONTAG, 1962, p. 09)

A partir desta condição, a maior dificuldade apresentada pelo professor das turmas multisseriadas tende a ser atendimento a todos os alunos; pois, o marco dessas turmas é a heterogeneidade, em todos os sentidos; até mesmo na forma de vida familiar. É certo que não existem turmas homogêneas, no entanto, só o fato de haver alunos de várias idades dificulta ainda mais a prática docente; e é onde começa a diferença.

Também vale ressaltar a falta de recursos didáticos, visto que, as escolas rurais estão situadas em lugares distantes e acabam em sua grande maioria esquecidas pelas políticas públicas. O professor, diante disso, precisa criar muitas estratégias para oferecer o mínimo de condição que atenda a todos os alunos, mesmo com todas as especificidades.

Nas escolas com classes multisseriadas, a unificação e adaptação curricular, é uma forma de atender a todos, tornando mais eficaz a educação e o atendimento para todos os alunos, mesmo com toda riqueza de suas vivências e manifestações, que constituem experiências adquiridas, com tendência a continuar por toda a vida.

Essa metodologia resgata a riqueza das experiências que vem se desenvolvendo no campo, que utilizando diferentes procedimentos (aulas na roça, excursões, entrevistas, reuniões, dramatizações, observações, etc); recursos (enciclopédias, livros, jornais, revistas, vídeos; a própria natureza: rios, campos, serras, etc) e espaços (a comunidade, florestas, cerrado, roça, engenhos, casas de farinha, posto de saúde, monumentos históricos, praças, órgãos públicos, etc), vão construindo uma prática pedagógica inovadora e adequada à realidade do campo. (CONTAG, 1962, p.13)

Faz-se necessário compreender a identidade, a realidade e os sujeitos pertencentes ao campo, como seu contexto sociocultural, na sua complexidade e perceber a comunidade, seus estudantes, no espaço da escola, bem como os que permeiam esta, nas suas semelhanças e diferenças, para assim, utilizar-se de metodologias adequadas e motivadoras para a aprendizagem.

Nas classes multisseriadas, muitos professores e coordenadores se sentem desorientados sem saber como proceder, frente as especificidades da educação do campo e assim também como elaborar e desenvolver uma proposta educacional que atenda as necessidades das séries/anos que compõem estas classes.

É de se perceber que a educação do campo é construída a partir das demandas e das experiências dos sujeitos que vivem no campo. Ela questiona a ausência de políticas educacionais para os povos do interior, o modelo de uma educação empobrecida, inferiorizada, destituída dos saberes do trabalho, da cultura e do contexto de onde vivem com suas realidades.

Portanto, verificar o contexto em que estes estudantes estão inseridos torna-se significativo no momento em que compreende-se a sociedade em que estes estão alicerçados, pois é parte integrante de uma comunidade, de modo que é necessário perceber o todo para entender-se como funciona.

Dentro desse contexto, os professores são sujeitos da educação do campo, que se identifica pela valorização da tarefa específica de quem educa. Sabe-se que em muitos lugares eles têm sido sujeitos importantes na luta pela educação do campo, especialmente nas escolas. Que tem estado à frente em muitas lutas pelo direito à educação; por isso, durante essa trajetória foi construído um conceito mais abrangente de educador ou professor, que é tão necessário quanto o aluno. Assim, vê-se a prática educativa não só com conteúdos sistematizados, mas a ação pedagógica, revigorando a prática da aptidão, como explica Freire (2005):

[...] A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação[...]. (FREIRE, 2005, p. 46)

Considera-se que, para que a escola do campo seja emancipada e possa ter sua identidade reconhecida e assumida no trabalho pedagógico escolar, coloca-se como fundamental reestruturar os currículos e a formação de professores, fazendo uma análise no currículo escolar, onde possa revelar que o trabalho, a cultura e os saberes do campo geralmente são tratados de forma desfavorável, ultrapassada, inferiorizada, ou ainda, estão ausentes no processo pedagógico educacional.

Diante disso, o modelo de currículo historicamente adotado busca impor para a escola do campo a cultura urbana e os saberes produzidos nestes espaços como modelo. É neste sentido que a educação destes alunos tende a acontecer, como sujeitos de políticas e de diversidades e não meros consumidores de ações

educativas, de modo que suas experiências, seu contexto, sua cultura, seus conhecimentos e suas demandas sejam tomados como referências para a formulação de outros projetos que façam acontecer o desenvolvimento integral.

A tarefa maior do educador é de contribuir na construção de um novo modelo de desenvolvimento e de ampliar o espaço do campo, nesse modelo se materializara quanto maior for a capacidade de inserir nos debates públicos sobre educação escolar, socializando com conjunto de educadores e educandos do campo e da cidade estas reflexões por uma educação do campo diferenciada. (CALDART, 2002, p. 40).

Portanto, é interessante pensar o educador como aquele que tem o trabalho principal de fazer e de pensar a formação humana, seja ela nas famílias, na escola, na comunidade ou nos movimentos sociais; seja com crianças, jovens ou adultos. Nesta perspectiva, todos são de alguma forma, educadores que conhecem o difícil processo de aprendizagem e de desenvolvimento do ser humano, mesmo suas estratégias ou procedimentos metodológicos diferenciados. E nas instituições do campo, não deve ser diferente, pois tem as mesmas características.

### 2.3 PERFIL DO ALUNO DO CAMPO.

Para compreender-se o perfil do aluno do campo, é preciso identificá-lo através do contexto em que este encontra-se envolvido com a vida no campo, nas mais variadas práticas estabelecidas em meios familiares, nos movimentos sociais e educativos que integram a articulação por uma educação rural, a importância da construção de projetos de sociedade direcionados a eles e especialmente integrando aos seus conhecimentos e culturas.

O aluno do campo precisa da educação desenvolvida na zona rural, mesmo com seus desafios e dificuldades, se faz no diálogo entre seus diferentes sujeitos, que são pequenos agricultores, povos indígenas, pescadores, camponeses, roceiros, quilombolas, entre outros do meio rural que estão ligados a alguma forma de organização popular, pois há diferentes modos de pensar, agir, e diferentes meios de fazer a própria realidade do campo, seus costumes e seus modos de viver.

Fazer parte desse povo; participar de sua memória; participar de seus processos de formação, humanização; identificar-se com seu projeto utópico, com o desafio de formar as pessoas para construí-lo na prática. Ser exemplo dos valores que brotam de suas práticas de resistência, de luta: a solidariedade, o espírito de cooperação.... (CALDART, 2002, p. 133)

De acordo com a autora, é direito de todos, viverem suas vidas em suas comunidades, com seus valores éticos e sociais, com seus modos de agir e de pensar, construindo suas vidas com desafios que esperam e não os que lhes são impostos por algo a que têm direitos.

Desata forma, a educação, principalmente a do campo, que tem suas particularidades, deve estar atenta para os processos produtivos que realizam, tendo um olhar direcionado para o trabalhador do campo, contribuindo para que este venha participar dos debates sobre as alternativas de trabalho, de projetos que lhe seja interessante, com o intuito de desenvolver e devolver a dignidade para as famílias que ali vivem.

Compreende-se que a identidade do povo do campo tem como fundamento a luta por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, que seja no campo e para o campo, como uma educação pensada de acordo com suas características e sua participação vinculada à cultura e necessidades humanas e sociais. Segundo Santos (2002, apud MEDEIROS, 2013):

[...]O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence; é a base do trabalho, da moradia, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi. Desta forma, quando se fala em território deve-se entender logo que se fala de território usado, utilizada por determinada população. (SANTOS apud MEDEIROS, 2013, p. 174)

Conforme o citado, o território e a população é o chão; assim, tudo o que há e identifica o morador da zona rural, torna-se uma identidade que faz parte de sua existência. Até a luta no campo para uma melhoria de vida, e principalmente da educação; a batalha constante pelas políticas públicas torna-se a única maneira de universalizar o acesso de povo rural à educação.

Neste sentido, é preciso incluir o debate da educação do campo, ao geral sobre educação e ao de um projeto popular de desenvolvimento da comunidade rural. Esta questão, consiste em pensar a educação com uma concepção de campo significando ter uma visão dos processos e movimentos sociais e aumentar as lutas e os pensamentos e relações à política agrária e a política de educação. E estas, podem tornar-se medidas importantes, se atendidas pelo poder público.

[...]A aprendizagem não é alcançada de forma instantânea nem por domínio de informações técnicas, pelo contrário, requer um processo de aproximações sucessivas e cada vez mais amplas e integradas, de modo que o educando, a partir da reflexão sobre suas experiências e percepções iniciais, observe, reelabore e sistematize seu conhecimento acerca do objeto em estudo. (DAVIANI, 2010: 288)

Conforme Daviani ( 2010), a aprendizagem é um processo, que não é alcançada instantaneamente e requer algumas situações que precisam ser integradas e refletidas, a partir da reelaboração e sistematização, já que transmitir conhecimento requer algumas habilidades.

Os professores e os alunos do campo, que também estão incluídos na condição de multisseriado, perpassam por questões de desafios e dificuldades, angústias, aflições diárias que requerem habilidades e equilíbrios para serem superadas; independentemente de inverno, verão ou outras questões climáticas, onde estes educandos precisam se locomover, que na maioria das vezes a comunidade fica distante da escola. Assim, é necessário um olhar diferenciado, para que estes desafios sejam superados.

Quando refere-se à acessibilidade, diz-se que é a facilidade de acesso. Infelizmente chegar até a escola do campo é um grande desafio, devido tantas dificuldades para seus estudantes e corpo docente que em função da distância, falta de transporte e estradas inadequadas, dentre outros fatores, muitas vezes causam prejuízos em relação ao tempo, estratégias dentre outros fatores. Tal fato também, somente faz aumentar o abismo da qualidade e da aprendizagem entre escolas rurais e urbanas, como um muro que não se pode escalar.

Para tanto, uma educação do campo inclusiva é fundamental valorizar os sujeitos envolvidos no processo educacional e ocupacional e, com isso, políticas de educação voltadas para a formação humana parte-se da compreensão de que precisa ser um espaço que tenha condições de uma convivência harmoniosa e respeitosa as todas as diversidades, sociais, econômicas, políticas e culturais (MUNARIN, 2011).

Na realidade, o direito ao acesso é de todos. Mas, muitos deles andam quilômetros para chegar à escola, e não medem esforços e nem reclamam de todas essas turbulências que passam no decorrer do ano letivo. E sem contar que os incluídos neste contexto, se arriscam, enfrentando perigos, com as estradas,

ladeiras e morros sem condições de trafegar e nem tão pouco de favorecer a motivação para irem trabalhar e ou estudar.

Neste sentido, diante de tantos obstáculos, observa-se que há muito a ser feito para que a escola do campo possa usufruir de todas essas leis que respaldam a educação, pois estes educandos do setor rural enfrentam dificuldades para se manter na escola; o difícil acesso e a falta de materiais pedagógicos, são fatores que na maioria das vezes dificultam o aluno de frequentar as aulas; e a falta de apoio não influi só no aprendizado do educando, mas também na vida profissional do educador, que sofre juntamente com todos que estão nesta situação.

Diante dessa situação, estas escolas, se encontram completamente fora da garantia do padrão de qualidade, que exige a Constituição Federal de 1988; pois para a escola rural seria necessário uma atenção adequada, onde aluno e professor venha a ter mais incentivo no processo de ensino- aprendizagem. Isto é, a escola do campo é muito carente e é preciso que se tenha do poder público administrativo, uma visão de mudança ou a construção de um novo campo de estudo que venha suprir a necessidade de educador e educando da área rural, que precisam da educação igual aos que vivem nas zonas urbanas, com ou quase todos os recursos necessários para um ensino aprendizagem de qualidade.

Conforme respaldado no Artigo 208, inciso VII da CF 88, pode- se afirmar que, “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de (EC nº14/ 96 e EC nº 53/ 2006 e EC nº 59/ 2009). VII- atendimento ao educando em todas as bases da educação, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação, e assistência a saúde”. Sobretudo, isso inclui as classes multisseriadas e cabe aos responsáveis legais buscar implantar cursos que venham capacitar professores e valorizar estes profissionais e enviar às escolas rurais, materiais didáticos e pedagógicos que facilite o aprendizado do educando para que seja preparado para a sociedade, de acordo com suas exigências, em um mundo globalizado e tecnológico.

Logo, precisa- se desenvolver nas escolas, programas de incentivo aos alunos e famílias que vivem em contextos diferentes e esquecido pelo poder público, ofertar transportes adequados para que essas crianças possam chegar com segurança ao local de estudo, sem esquecer que o professor também é um agente educacional que vive este dilema nas zonas rurais.

### **3. DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ANÁLISE DE PROFESSORES DA EMEIF DUQUE DE CAXIAS, NA COMUNIDADE DO KM 40, MUNICÍPIO DE RURÓPOLIS- PARÁ**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A EMEIF Duque de Caxias está localizada no KM 40 da BR Transamazônica, no Município de Rurópolis. Foi fundada em 1986, na jurisdição de Itaituba, como Escola Estadual, e transferida para o Município de Rurópolis em 1989.

A referida escola foi municipalizada em no ano 2000, e funcionava até à 4ª série, com apenas uma sala de aula e dois turnos, o Matutino e Vespertino. Em 2001 iniciou-se a 5ª série e na atualidade, existe o 6º ano do Ensino Fundamental.

Sua estrutura construída em madeiras na época de sua fundação, atualmente está em alvenaria, onde foi sua construída pelo município de Rurópolis em 2002, com quatro salas de aula em alvenaria, uma secretaria, uma cozinha e dois banheiros.

Os Recursos humanos conferem com um quadro funcional de cinco professores e dois auxiliares de serviços gerais. Também há o suporte de ônibus escolar para alunos que residem distante da comunidade, o qual facilita a vida de quem almeja buscar o conhecimento sistematizado para vencer na vida.

A Escola Duque de Caxias, objetiva a construção de cidadão crítico, que busque sua cidadania, preparando-o para a sociedade globalizada e tecnológica. Ainda tem como diretrizes, a LDB- 1996 (Leis de diretrizes e Bases) e a atual BNCC.

#### **3.2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os procedimentos metodológicos deste trabalho, que abordou os desafios da docência na educação do campo, iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica com teóricos do tema, como CALDART(2009), DEMO (2000), HAGE (2005), PERISSÉ (2011), SILVA (2007), dentre outros; e ocorreu uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, que visou analisar os desafios dos professores em relação ao problema, com abordagem qualitativa.

A investigação foi direcionada com as seguintes questões: Quais são os desafios da docência na educação do campo? Quais metodologias são utilizadas pelos professores no campo? A família contribui com a educação dos filhos?

A partir dos pressupostos, de acordo com os objetivos que essa pesquisa alcançar, consistiu em analisar os desafios dos professores na educação do campo; Identificar as dificuldades da docência na educação do campo; Verificar estratégias metodológicas para a educação do campo e reconhecer benefícios da contribuição da família no ambiente escolar.

O referido trabalho foi realizado na EMEIF Duque de Caxias, comunidade do k 40, no município de Itaituba- Pará, no período de Novembro de 2021 . Os sujeitos das pesquisas foram professores da referida instituição de ensino. Os dados foram coletados por meio de questionários elaborados para entrevistas individuais, com coletas e análises de dados com discussão sobre as respostas, com as propostas e sugestões sobre o tema abordado e a conclusão de todo o estudo, com os referenciais bibliográficos utilizados para embasamento teórico de todo o trabalho.

### 3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para a realização deste trabalho, entrevistou-se quatro profissionais da educação que trabalham na escola, sendo do sexo feminino, todas graduadas em Pedagogia, com idades de quarenta e dois, quarenta e cinco, quarenta e oito e cinquenta e um anos respectivamente.

Destas, três são pós- graduadas em Metodologias para Séries Iniciais e Educação Infantil, Gestão, Orientação e Supervisão, Psicopedagogia e apenas uma docente está cursando uma Especialização. Apenas duas docentes não trabalharam em outra instituição e duas já prestaram serviços em outras escolas.

### 3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

A educação no campo, especificamente na zona rural, com classes formadas por multisséries, ou pela distância, falta de materiais didático- pedagógico, carência de subsídios multimídias, pela falta de contato com o aspecto urbano, sempre constitui m desafio para os professores, que se disponibilizam para exercer a função de mediador dos conhecimentos, em uma região distante das cidades e que sofre com as consequências em diversas situações.

Está evidente a precariedade das condições de trabalho dos professores rurais, embora este profissional seja na realidade, um fator importante na progressão do aprendizado dos alunos na área rural. E, muitas vezes, além de baixa qualificação, é requisitado simplesmente para atender as demandas que o interior precisa, e com salários inferiores aos da zona urbana, ainda enfrentam sobrecarga de trabalho, alta rotatividade e dificuldades de acesso à escola.

Logo, estes fatores desencadeiam questões que perturbam e causam prejuízos ao trabalho docente e acima de tudo, o aprendizado de quem vive no campo e necessita das escolas para sua escolarização, chegando a deparar-se com situações de desconfortos e até desmotivadores.

Diante deste contexto este trabalho foi desenvolvido, visando expor tais desafios e dificuldades, que os docentes e envolvidos no contexto educacional do campo enfrentam, ou com certeza, tendem a enfrentar, em algum aspecto rural. Para tanto, a investigação com quatro docentes da escola investigada, consiste em analisar situações diversas, e inicia-se com a pergunta sobre a qualificação docente para a educação do campo.

**Quadro 1-** Os professores estão qualificados para trabalhar na educação do campo? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | Sim. Os professores estão habilitados e pós graduados, a fim de atender esta clientela do campo.                                                                                                                                                              |
| P2            | Sim. Os professores atuantes na escola estão habilitados a atender aos alunos do campo                                                                                                                                                                        |
| P3            | Sim. Todos os professores são graduados e pós graduados, tendo em vista que são pedagogos capacitados para ministrar aulas nas séries iniciais do Ensino Fundamental.                                                                                         |
| P4            | A escola apresenta um quadro de profissionais qualificados para desenvolver uma educação de qualidade, mesmo em meio a tantas dificuldades. Graduados em Pedagogia e outros Pós-graduados, o ensino vai acontecendo, vencendo os desafios que não são poucos. |

Quanto à qualificação dos professores, os entrevistados foram unânimes ao afirmar em que todos estão habilitados para trabalhar na educação do campo, considerando que são graduados e pós-graduados, em Pedagogia; porém, mesmo com as dificuldades da educação campesina, o ensino acontece.

Por conseguinte, as instituições educacionais, em sua maioria, comportam profissionais e estruturas que não correspondem às demandas educativas da sociedade. Os educandos da atualidade, que possuem culturas e realidades diferentes, necessitam de ambiente favorável que proporcione aporte suficiente para

ampliarem suas habilidades intelectuais e, sobretudo, de educadores com formação adequada ao atendimento às diferenças, às desigualdades sociais e culturais existentes entre os indivíduos.

Mesmo com profissionais qualificados, não há uma educação que atenda a todos igualmente, visto que cada indivíduo aprende em seu tempo e espaço e de forma diversa, especialmente quando há certas carências na escola. O mundo globalizado, as informações chegando de modo acelerado, o avanço de novas e complexas tecnologias exige uma nova forma de pensar e agir que, muitas vezes, requer rompimento de padrões anteriormente formados.

Em se tratando do espaço educacional, tão essencial ao seu desenvolvimento e construção da história do aluno campestre a partir de seu próprio eu e, após isso, ser capaz de oferecer sua contribuição na constituição do mundo ao redor, merece uma reflexão.

Neste sentido, o processo educacional tem indicado que o avanço das reflexões e práticas dos professores, manifesta-se no limite histórico que condiciona a prática educativa, a uma relação unilateral, voltada a proposição de experiências que se centram na dicotomia entre forma e conteúdo, à compreensão dos professores sobre as situações vividas e as possibilidades de superação e entendimento .

Diante disso, Kuenzer, (2002), coloca para o ensino a necessidade de formação de sujeitos qualificados para atuarem nesta nova configuração, mesmo com desafios à serem superados.

Ademais, para trabalhar com os alunos do campo é preciso não só ter conhecimentos científicos, mas é preciso conhecer a realidade local, as famílias que lutam por sobrevivência e qualidade de vida. Elaborar projetos para trabalhar com as famílias, a identidade do homem do campo entre outros. Usar metodologias de acordo com a realidade local, buscando resgatar experiências vividas pelo povo e assim fazer da educação algo inovador.

Desta forma, percebe-se que o agente primordial da educação é o professor, e o revisionismo na área de educação do campo será inevitável porque é discutível a questão da nova geração de professores, mas o ensino oficial tem a sua utilidade na medida em que pode-se fazer a comparação com a educação do campo entre o que foi imposto e omitido. Sobretudo, já se conhece o que ocorreu, na verdade, a imposição de uma cultura completamente distanciada da verdade

brasileira. Tanto o professor como a escola, que está transformando o ambiente em que vivem os alunos, precisam de um olhar diferenciado.

Nessa caso, os docentes sentem a necessidade de estar constantemente em capacitação, o que facilitaria ou contribuiria para o desenvolvimento interno das capacidades cognitivas sobre a educação do campo para os discentes e a sociedade Brasileira, mas as intenções do presente trabalho são de mostra que o passado é múltiplo, dando subsídio para uma nova abordagem a respeito do papel das elites no panorama político brasileiro para se saber o que está acontecendo na atualidade permite aos discentes uma análise mais profunda nos temas desenvolvidos em sala de aula.

Portanto, o educador do campo deve ser aquele que contribui com o processo de desenvolvimento para uma aprendizagem de qualidade, construindo conhecimentos a partir da realidade vivida por eles. Por isso, ele deve se adequar a realidade deste povo para trabalhar a aprendizagem por meio de histórias construídas com suas lutas pela igualdade, educação, cultura e dignidade pela vida.

Pode-se perceber a importância da luta por uma Educação do Campo inserida na pauta dos movimentos sociais rurais. A próxima questão, aborda os desafios da educação no campo.

**Quadro 2.** Quais são os desafios da docência na educação do campo? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021.

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | Os desafios surgem dia- a- dia, por que trabalhar no campo é bem complexo, levar um conhecimento social a turmas multisseriadas que é a nossa realidade atual, não é tão fácil quanto parece.                                                                                                                                                                                    |
| P2            | São vários, mas consideramos como principal, a falta de recursos pedagógicos, necessários à aplicação dos métodos de ensino.                                                                                                                                                                                                                                                     |
| P3            | Os desafios são constantes, por que geralmente a educação do campo é mias salas multisseriadas, e assim, dificulta o ensino e a aprendizagem; porém, cada professor procura a melhor maneira de adequar o ensino à realidade dos alunos.                                                                                                                                         |
| P4            | Como é uma educação distante da cidade, tudo torna- se difícil. A partir de recursos didáticos pedagógicos, assistência pedagógica tanto para os professores quanto para os alunos, uma estrutura adequada para desenvolver atividades diferenciadas, a presença dos pais para incentivar os alunos; enfim, são muitos os desafios a serem superados, dentro das possibilidades. |

Diante das respostas sobre os desafios da educação no campo, os docentes foram enfáticos ao abordar que são inúmeros, pois a partir de turmas multisseriadas, a falta de recursos didáticos pedagógicos, a distância dos centros

educacionais urbanos, a falta de uma estrutura adequada para desenvolvimento de atividades diferenciadas, a presença dos pais, a falta de assistência pedagógica, estão entre os principais, que mesmo assim, os docentes fazem o ensino acontecer, na medida do possível.

Neste sentido, diante das possibilidades de compreensão da situação atual das escolas do campo, articula-se a compreensão do processo histórico que as constituem. Assim, neste momento procura-se fazer uma retomada desta modalidade, bem como de suas características, explicitando a necessidade de uma construção significativa de uma nova escola do campo que atenda de forma diferenciada, os alunos.

Considera-se que a educação de qualidade para todos, tem sido reclamada pela maioria da população, que dela depende para sua qualificação, porém, observa-se que o campo conta, ainda, com baixo índice de escolarização, apoiado a grandes níveis de repetência e evasão escolar.

Logo, analisar as características que levam a essa realidade é de fundamental importância para a superação desse quadro de dificuldades e desafios. Surgem dessa necessidade e do compromisso com a educação de alunos trabalhadores, propostas de análise e intervenção na realidade das escolas do campo, na tentativa de construção de outros conhecimentos e de superação dessas questões.

De acordo com a concepção de educação rural, a educação deve ser dada aos indivíduos para suprir suas carências mais elementares, deve funcionar como uma Educação supletiva, em que se transmite a cada indivíduo somente os conhecimentos básicos, pois se acredita não ser necessário aos sujeitos do campo, que lidam com a roça, aprender conhecimentos complexos, que desenvolvam sua capacidade intelectual. Assim a educação passa a ser vista como um favor e não como um direito. (HAGE, 2005, p. 15)

Diante disso, é preciso reconhecer que no campo existe uma pluralidade de sujeitos, tais como assentados, acampados, índios, quilombolas, trabalhadores assalariados, que podem e devem conviver numa relação dialógica e fraterna. Para isso é preciso que a educação seja um projeto da classe trabalhadora do campo para todas as pessoas que estão e são ruralistas.

Faz-se necessário conhecer a realidade das classes multisseriadas, que constituem mais um desafio das escolas do campo, e a partir destas questões,

construir um diagnóstico, que possa proporcionar chances de entender como acontece e a partir disto, pensar em desenvolver projetos que venha trazer mais qualidades de ensino e investimento para melhoria dessa abordagem de ensino com suas características.

No entanto, não dá pra falar em educação do campo sem compreender os problemas que existem e perduram. É preciso enxergar para que se faça algo para amenizar. Entende-se, sobretudo, que o caráter de docente está além das paredes da escola, das abordagens técnicas e metodológicas das práticas educativas, e exige saberes amplos que estão além do saber ensinar.

Portanto, é indispensável que o docente esteja atento quanto as suas percepções no seu trabalho diário. A educação, por conseguinte, é um fenômeno social inseparável da constituição dos sujeitos e da sociedade, integrante da vida social, econômica, política, cultural. Todavia, diante deste enfoque, trata-se, pois, de um processo interligado à prática social, compreendendo processos formativos que ocorrem numa variedade de constituições e atividades, nas quais os sujeitos estão envolvidos de modo imprescindível e inevitável, pelo simples fato de existirem socialmente. No campo também há educação. O difícil é acompanhar as instâncias mais favorecidas e pedir ajuda, diante de tantas prioridades. Prosseguindo, frisou-se sobre as metodologias dos professores da escola campesina.

**Quadro 3.** Quais metodologias são utilizadas pelos professores no campo? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | Os métodos aplicados são aulas diretas do quadro, pesquisas, questionários, testes avaliativos e avaliações bimestrais.                                                                                                                                                                               |
| P2            | Dentre as metodologias utilizadas, podemos destacar a tradicional, na qual o professor explica o conteúdo no quadro, após isso, ele passa atividades impressas sobre o conteúdo.                                                                                                                      |
| P3            | Não existe, uma metodologias pronta para aulas multisseriadas; porém, cada educador vai adequando sua metodologia, de acordo com a necessidade de aprendizagem do educando.                                                                                                                           |
| P4            | Na medida do possível, cada professor trabalha seus métodos como pode, e a ocasião permitem. Até por que não é fácil trabalhar com eficácia em turmas juntas e misturadas, com disparidades de idades e conhecimentos. Assim, a forma de trabalhar torna-se bem diversificada, não havendo um padrão. |

Quanto à metodologias dos professores na escola estudada, a pesquisa apontou que são diversas, como questionários, avaliações bimestrais, aulas tradicionais, testes, pesquisas. No entanto, também foi abordado que na medida do

possível, cada professor trabalha seus métodos, considerando que em turmas multisseriadas é difícil trabalhar com eficácia. Diante disso, não há um padrão metodológico a ser seguido.

Considera-se que para atuar na educação do campo, requer-se muito mais do que simples conhecimento dos conteúdos sistematizados, aprendidos em bancos escolares ou universitários. Necessita-se de formas diferenciadas de abordagem destes conteúdos, que por vezes precisam ser adequados a nova realidade, pois o espaço rural não oferta as mesmas condições do espaço urbano, principalmente no que se refere ao alunado, em classes multisseriadas.

Diante dessa situação, busca-se analisar as metodologias utilizadas na prática educacional da Educação do Campo, visando direcionar o trabalho docente para uma prática que respeite e valorize as diferenças e peculiaridades encontradas nesta modalidade de ensino, verificando se existe adequação das metodologias em relação às diferenças e peculiaridades, buscando sugerir e aplicar possíveis alternativas metodológicas que melhor refletirão no processo de ensino aprendizagem em relação à zona rural.

Na realidade, a efetivação desse processo apresenta possibilidade concreta numa série de proposições no cotidiano educativo, que podem ser organizados e potencializados a partir da metodologia de pesquisa e ação, sendo esta capaz de não só identificar os limites do cotidiano educativo, como também de anunciar os caminhos para superação dos mesmos.

Assim, dentre estes, algumas reflexões apontam que um caminho potencial pode ser encontrado no espaço da formação continuada, quando desenvolvida no ambiente educativo, de forma que busque abrangência de toda comunidade escolar. Dessa forma, estabelece-se, um movimento que se consolide como um espaço de reflexão crítica sobre a própria prática educativa, no qual se possa compreender coletivamente que,

[...] devemos ser capazes de perceber que os processos educativos, escolares ou não, constituem-se em práticas sociais mediadoras e constituintes da sociedade em que vivemos. São práticas sociais não-neutras. Elas podem, e tem feito, dominantemente, reforçar as relações sociais capitalistas que subordinam a vida, o trabalho que a produz e reproduz, os bens da natureza, a ciência e tecnologia como propriedade privada, valores de troca e a consequente alienação e exclusão de milhões de seres humanos da vida digna ou de sua radical transformação. (FRIGOTTO, 2005, p.22).

Conforme o exposto, somado a este processo indicado pelo autor, a realização de uma análise geral de uma escola, cujo coletivo constitui este espaço, apresenta-se rico em possibilidades de resistência à lógica da educação eficaz. Mas, para isso, reitera-se a necessidade destes se colocarem como sujeitos fundamentais no processo de construção da educação.

Considera-se que a capacidade dos sujeitos de desvelarem o mundo, encontram-se concretizados, enquanto homens e mulheres são comprometidos com a construção de uma educação do e no campo, que se articula ao compromisso historicamente assumido pelos trabalhadores, que é o fato de engajar-se na construção de outro projeto social, pois a escola desenvolve um projeto que a sociedade exige ao seu modo.

Conforme o exposto, é através dessa mudança significativa, que pode-se auxiliar o homem do campo a permanecer no seu espaço rural, podendo desfrutar de todo conhecimento sistematizado que o espaço urbano pode oferecer. A experiência vivenciada mostrou que muito ainda se há para aprender. E que muito ainda tem-se que rever para poder atender ao estudante rural, com qualidade e eficácia.

Dessa forma, fala-se em metodologias diversificadas, inclusões, direcionamentos e ensinamentos novos, mas nenhum deles ainda auxilia o profissional que atua no espaço rural, seja em sítios ou beiras de rios. Sobretudo, percebe-se a necessidade de divulgação e qualificação para estes profissionais, que precisam se adequar a nova realidade, despindo-se de preconceitos e contribuindo para que haja realmente aprendizagem.

Todavia, a implementação da educação do campo, percebe-se a dificuldade de encontrar atividades que possam ser aplicadas ao homem do campo, mesmo sendo, a grande maioria dos professores, fruto do espaço rural, e com conhecimento suficiente para desenvolver este aspecto.

A educação dos sujeitos do campo não acontece só na escola, é importante que a mesma seja respeitada e valorizada nas demais formas de aprendizagem e educação desenvolvidas fora da escola regular. Portanto, é possível e imprescindível valorizar a luta conjunta em que educadores e educação realizem o sonho dos trabalhadores de um mundo mais justo e humanitário. A seguir, tratou-se dos perfis de alunos que estudam na escola do campo.

**Quadro 4.** Quais são os perfis dos alunos que estudam na zona rural? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | São perfis muito variados, como aqui, na nossa realidade social, existe redes de internet em 85% das residências e é através delas que muitas vezes ajudam mas também atrapalham. E também são interessados, trabalhadores, que ajudam a família.                                                                                                           |
| P2            | Geralmente os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem e isso ocorre principalmente devido a falta de apoio dos pais.                                                                                                                                                                                                                                 |
| P3            | Os alunos da Escola Municipal Duque de Caxias moram com os pais ou avós em sua maioria, estudam em classes misturadas ou multisseriadas, tem acesso a internet, tem faixa etária de 3 a 14 anos, faltam pouco na escola, principalmente os das séries iniciais.                                                                                             |
| P4            | Os alunos que estudam na escola do campo, são comunitários, muitas precisam de transporte pra chegar à escola, ajudam os pais no trabalho, muitas vezes os maiores chegam atrasados e cansados na escola devido ao trabalho, devido a necessidade, mas interessados nos estudos. Têm seus valores éticos e morais já constituídos pelos saberes familiares. |

Os investigados, expuseram os perfis dos alunos que estudam na escola do campo, são alunos que estudam na mesma classes; que são diferentes em idades e também faltam pouco à escola e apresentam-se bem interessados. Dependem de transportes para estudar, moram também com os avós, além de outros, residirem também com os pais, que muitas vezes não apoiam os filhos, ajudam os pais no trabalho e já têm internet em suas casas também.

Também afirmaram que são alunos que por sua experiência de vida são possuidores de um saber tradicional, o que os diferencia dos demais, sendo em sua grande maioria receptiva para novas aprendizagens. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas. Chegam à escola com crenças e valores já construídos, cada um com seus valores éticos e morais, porém, estão ali em busca de um mesmo sonho, com um só objetivo, que é terminar seus estudos e não perderem novamente a oportunidade de mudar de vida.

Existem também aqueles alunos que moram na zona rural, que se diferenciam dos alunos que vivem na zona urbana, especialmente por serem pessoas que passam o dia desenvolvendo trabalho braçal na roça ou no campo, vivendo um desafio diário de chegar ao fim do dia e vencerem o cansaço, para enfrentar uma sala de aula, mesmo sabendo que no dia seguinte o trabalho começará logo cedo nas primeiras horas.

[..Os grupos excluídos os pobres: os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas e zonas rurais os nômades e os trabalhadores migrantes; os povos indígenas; as minorias étnicas, raciais e linguísticas: os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos a um regime de ocupação. (UNESCO, 2015, p. 4)

Diante disso, é importante que qualquer modalidade de ensino, conheça o perfil dos seus alunos para ter condições de ofertar uma educação voltada a realidade daqueles sujeitos, considerando que a escola não é o único espaço de aprendizagem, os espaços formativos são diversos, uma vez que a formação informal se dá nos mais variados espaços, como a família, igreja, associações, sindicatos de bairros, entre outras. Todavia, os jovens, adultos e idosos em sua maioria participam desses espaços construindo saberes e aprendizados que vão além do espaço escolar, a preparando os sujeitos para o futuro.

Ademais, são questões relativas que podem fazer a diferença, em um ambiente que têm seres humanos que precisam a educação escolar e que as oportunidades que lhes são oferecidas, é a classe multisseriadas, por estudarem em uma escola do campo. Prosseguindo, a pergunta sobre eventos que propiciam o envolvimento dos pais na escola.

**Quadro 5.** A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | Sim; a escola promove diversas atividades envolvendo aos pais, eles participam do PPP da escola, dando suas parcelas de contribuição no ensino aprendizagem dos filhos.                                                                               |
| P2            | Raramente. A escola evita promover este tipo de atividade, pois normalmente não há participação dos pais, os quais alegam a falta de tempo.                                                                                                           |
| P3            | A escola, promovia diversas atividades de engajamento como: Dia das Mães, Dia das Crianças, Festas juninas, Semana da Pátria, Fim de Ano. Ultimamente, devido a pandemia pela Corona Vírus, não tem mais como fazer, apenas reuniões com poucos pais. |
| P4            | É difícil, pois são poucos os pais que comparecem à escola, tornando-se difícil a participação destes na escola de seus filhos. Muitos, alegam não ter tempo devido o trabalho que sustentam suas casas.                                              |

A promoção de atividades que envolvem os pais, segundos investigados, ocorria antes mesmo da pandemia, como reuniões e eventos sócios- culturais e a participação no PPP (Projeto Político Pedagógico). Agora, tornou-se difícil e fica mais ainda devido a falta de tempo dos pais, que justificam não ter tempo para a escola de seus filhos. Porém, há quem afirme que eles participam contribuindo assim, com o aprendizado dos filhos.

Diante do investigado, as relações da instituição familiar são fatores importantes no desenvolvimento do indivíduo. Contudo, o relacionamento com os professores e funcionários da instituição escolar, bem como o relacionamento e o convívio com outras crianças e o acesso às práticas escolares, voltados para o

desenvolvimento das diversas áreas do conhecimento, também se constituem num fator determinante para o desenvolvimento integral da criança.

Relativo à educação brasileira, tem-se observado a dificuldade encontrada pelos professores nas escolas, devem ser revistas a fim de estabelecerem parceria entre o espaço escolar e a família dos alunos. Frequentemente, pode-se observar que a maioria dos educadores reclamam da pouca ou nenhuma demonstração de interesse da família em participar do cotidiano escolar dos filhos. E a participação frequente é necessária e da falta de participação traz prejuízos ao aprendizado ao aluno.

Percebe-se que nos dias atuais a educação do campo tem sido mais valorizada devido às mudanças cabíveis de acordo com as necessidades da família rural. As escolas estão usando os conhecimentos adquiridos pelos alunos para montar seus planos de aula, fazendo com que aja uma aprendizagem a partir dos conhecimentos adquiridos pelos mesmos, sendo que a modernidade e a tecnologia já chegaram até o campo, fazendo com que a família da zona rural tenha uma vida melhor com qualidade de vida, com isso a forma de pensar e a socialização com as pessoas da cidade se tornou mais diligente.

Sendo assim, a educação voltada para a educação do campo deve ser de qualidade visando à socialização do educando, tirando este paradigma que as pessoas do campo são tímidas e sem cultura. Pode-se perceber que os espaços pedagógicos de formação não ocorrem apenas em sala de aula, mas também na família na convivência social, cultural, nos serviços de produção de conhecimento, dentre outros espaços sociais, aos quais os alunos estão inseridos, dentro de sua realidade.

Nesta perspectiva de aproximação do meio escolar e do meio familiar/produtivo organizasse o movimento de vai-e-vem entre a prática e a reflexão teórica, movimento este que constitui um dos fundamentos da alternância que, assume sentido de estratégia de escolarização, possibilitando aos jovens que vivem no campo. (QUEIROZ, 2004, p.35)

Desta maneira, por meio da Escola do Campo é possível desempenhar um trabalho voltado para a realidade dos alunos. Trabalho este que envolve família e sociedade rural. Através da educação pode-se formar alunos aptos para serem críticos e viver numa sociedade que nos dias atuais exige muito de cada um. A educação trabalhada de acordo com a realidade dos alunos que vivem no campo faz

com que eles prossigam trabalhando no campo e os assim deve e precisam contribuir neste aspecto.

Na realidade, a escola é compreendida como o espaço de comparação entre os conhecimentos sistematizados e os conhecimentos do cotidiano dos alunos. É um espaço, no qual se propõe a formação de indivíduos que compreendam criticamente o contexto social em que estão inseridos, que encontram sentido no seu aprendizado, que tenham acesso ao conhecimento, e que, acima de tudo, sejam capazes de uma inserção transformadora na sociedade, com a participação da família. Dando continuidade, investigou-se a contribuição da família na educação dos filhos.

**Quadro 6.** A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | Sim; a escola promove diversas atividades envolvendo aos pais, eles participam do PPP da escola, dando suas parcelas de contribuição no ensino aprendizagem dos filhos.                                                                               |
| P2            | Raramente. A escola evita promover este tipo de atividade, pois normalmente não há participação dos pais, os quais alegam a falta de tempo.                                                                                                           |
| P3            | A escola, promovia diversas atividades de engajamento como: Dia das Mães, Dia das Crianças, Festas juninas, Semana da Pátria, Fim de Ano. Ultimamente, devido a pandemia pela Corona Vírus, não tem mais como fazer, apenas reuniões com poucos pais. |
| P4            | É difícil, pois são poucos os pais que comparecem à escola, tornando-se difícil a participação destes na escola de seus filhos. Muitos, alegam não ter tempo devido o trabalho que sustentam suas casas.                                              |

Condizente à contribuição dos pais na educação dos filhos, os entrevistados afirmaram que poucos são os que contribuem para isso. Considerando a época da pandemia, eles ajudaram nos trabalhos dos filhos, mesmo com críticas; mas, embora muitos não tenham escolaridade para auxiliar nas tarefas. Porém, nem sempre comparecem à escola.

Na realidade, é no ambiente familiar que o sujeito, desde criança, desenvolve suas habilidades, expressa seus sentimentos e adquire exemplos de comportamentos adotados pelos familiares. Compreende-se que a família, como base da sociedade, deve assegurar que os direitos da criança sejam priorizados, para que esta se torne um sujeito atuante na sociedade em que vive.

A educação nunca se restringiu a escola. Práticas educativas têm ocorrido, ao longo do tempo, fora dessa instituição e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente em determinados grupos sociais e em determinadas épocas. A cidade, o trabalho, o lazer, os movimentos sociais, a família, a igreja [...] (GALVÃO, 2001, p. 24)

Na realidade, os pais precisam compreender que a educação também é de sua responsabilidade, que a casa é uma continuidade da escola e vice versa, já que a educação familiar é complementada pela educação escolar. E que as instituições aos quais os alunos estão inseridos, também fazem a educação que contribuem para a escola na formação do aluno.

Diante disso, a vida comunitária faz parte da vida do aluno, quer seja no aspecto educacional, cultural, social, religioso ou outro em que o aluno está inserido. E os pais estão neste contexto, precisam assistir seus filhos em todas as circunstâncias, promovendo a inserção social e os valores éticos e morais, tão importantes para seu desenvolvimento integral.

Neste sentido, até pode-se pensar que a escola e a família podem ser entendidas como contextos educacionais do desenvolvimento. Dessa perspectiva, tanto o contexto familiar como o da escola são constituídos por pessoas que desempenham um determinado papel e que, além disso, utilizam instrumentos que cumprem determinadas funções educativas e formativas.

Logo, a participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. A vida familiar e a vida escolar devem ser simultâneas e complementares. É preciso que a escola esteja em perfeita sintonia com a família, pois a escola é uma instituição que deve complementar a formação educacional da criança. Essas duas instituições devem se organizar na tentativa de alcançar o objetivo maior, que é a formação integral da criança.

Portanto, a parceria entre família e escola gera benefício em relação, não só ao processo ensino/aprendizagem, mas também na troca de informações acerca do sujeito, no desenvolvimento da criança na escola e em casa. Essa interrelação possibilita compreender a atuação da criança, tanto em casa como na escola, suas condutas e as relações que estabelece com os adultos no seio familiar.

No entanto, a família representa o alicerce para que o indivíduo construa uma boa estrutura social, pois é dentro do espaço familiar que a criança determina os primeiros relacionamentos, que depois abrangerá a escola e por fim a sociedade. Por isso, a participação da família na vida da criança é de suma importância, é ela que servirá de modelo de relacionamentos para que, mais tarde, ela se relacione com outras pessoas.

Neste caso, não cabe à escola a tarefa básica de educar, mas sim à família, que deve proporcionar as noções de limites e respeito, para que a criança

possa desenvolver os valores morais e comportamentais básicos. A noção do certo e errado e a internalização destes códigos de valores desenvolverá o auto controle para que a criança possa ter um bom convívio em sociedade, com a interação, socialização e boas relações humanas.

No mais, o ser humano sofre influência do meio no qual está inserido, e que está em constante interação, permitindo-lhe tornar-se um adulto consciente, capaz de ser um cidadão exemplar. Com essa participação dos pais no processo de ensino aprendizagem, a criança fica mais confiante, uma vez que percebe que todos se interessam por ela, e também porque passam a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos que ela tem, tornando-o mais interessado em seus estudos. Enfim, questionou-se o desenvolvimento sobre os currículos na escola.

**Quadro 7.** Como trabalhados os currículos em sua escola? **Fonte:** EMEIF Duque de Caxias, Km 40, Município De Rurópolis- Pará/2021

| PROFESSOR (A) | RESPOSTA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| P1            | Nossa proposta curricular vem direto da Secretaria de Educação. Muitas vezes temos que adaptar à nossa realidade por trabalharmos em salas multisseriadas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| P2            | Os currículos são trabalhados conforme os recursos disponíveis na escola, havendo adaptação à realidade da comunidade local.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| P3            | Geralmente, nossa proposta curricular é elaborada pela Secretaria de Educação, e na maioria das vezes temos que adaptar para as turmas multisseriadas que ministramos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| P4            | A escola do campo funciona à base de multisséries. São turmas unificadas formadas por alunos com disparidades de idades, conhecimentos, famílias diferenciadas, com perfis diversificados. E os currículos sempre já vem prontos da SEMECD. Mas nós, professores, precisamos ter capacidade e autonomia para fazer as adaptações necessárias a fim de atender a todos os alunos que buscam a educação formal e sistematizada no ambiente escolar. Trabalha-se conteúdos anteriores e logo, das séries seguintes. Mas ainda precisa de muita coisa, para uma educação eficaz na escola do campo. |

Segundo os entrevistados, a realidade das escolas do campo, funciona em especial, com turmas multisseriadas, e os currículos já vem prontos da SEMED. Além disso, faltam muitas coisas, como recursos disponíveis utilizados, a fim de acontecer uma educação eficaz, pois a adaptação é necessária.

Ainda enfatizam que além disso, trabalhar com turmas multisseriadas, com disparidades de séries, idades e principalmente conhecimentos, torna tudo mais difícil. Ademais, é preciso fazer adaptações para atender a todos os alunos que buscam uma educação formal, que promova o desenvolvimento do cidadão que

procura a escola, para uma formação sistematizada, trabalhando conteúdos anteriores e depois das séries seguintes.

Faz-se necessário compreender a educação a partir da diversidade presente no campo, como o modo de vida, que implica em construir políticas públicas que assegurem o direito à igualdade com respeito às diferenças. precisa-se da construção de uma política pública de educação na qual a formação de professores possa contemplar estes fundamentos a fim de acontecer uma educação eficaz.

Quanto ao currículo, é necessário rever seu conteúdo, considerando-se que é um documento de trajetória de vida. Por isso, nele deve constar, a partir do processo discursivo de seus atores, identidades e diferenças.

Assim, o currículo tende a responder tanto pelas questões das identidades, quanto pelas diferenças. Nessa relação, a identidade só existe numa relação de dependência, em que a diversidade cultural não pode ser apenas excluída ou celebrada, mas questionada em suas diferenças e diversidades.

Torna-se importante que as diferenças culturais e vivências dos alunos do campo e da cidade sejam compartilhadas e vivenciadas. No entanto, torna-se relevante uma proposta pedagógica específica que contemple as diferentes necessidades dos estudantes habitantes no campo. Dessa forma, é preciso que haja uma educação que garanta o direito ao conhecimento socialmente produzido e acumulado e que também contribua na afirmação das diferentes identidades, culturas e saberes do campo, como também das tradições.

Um primeiro desafio que temos é perceber qual educação está sendo oferecida ao meio rural e que concepção de educação está presente nesta oferta. Ter isto claro ajuda na forma de expressão e implementação de nossa proposta. A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz (ARROYO, 2004, p.23).

Na realidade, os saberes populares inerentes à cultura devem nortear a proposta curricular, tornando integradas as realidades local e regional da escola do campo. Assim, o projeto de vida do campo deve integrar o currículo junto aos projetos de setores da sociedade, sem desmerecer o conhecimento científico e a cultura universal que chega até no universo campestre.

Conforme cita Melo (2011), no trabalho pedagógico realizado pela escola do campo, não tem tido diferenças, o currículo escolar não contempla conteúdos da realidade dos alunos. Em sua maioria, contempla apenas conteúdos de currículos urbanos, aquém da realidade campestre. Dessa forma, os alunos encontram-se deturpados com conhecimentos desconexos de sua realidade. Assim, é preciso rever essa realidade.

Quanto às inovações, em relação à atividade econômica e social, priorizam a necessidade de uma educação que acompanhe os progressos midiáticos, que permita o desenvolvimento globalizado e que contribua para ampliação de competências dos sujeitos e os prepare para enfrentar as novas condições advindas da sociedade contemporânea em que estão inseridos, de forma a atender às necessidades educativas dos alunos da área rural campestre.

Neste contexto, muitas vezes a cultura do campo é deixada de lado, devido a uma carência na formação profissional e também à atuação docente, que supervaloriza o trabalho baseado apenas no conhecimento do livro didático, de um currículo já estabelecido, cujos conteúdos se encontram cada vez mais distantes da vida cotidiana do educando. Essa situação deve levar a acreditar na falta de efetividade dos discursos políticos, que também deve abranger a escola da zona rural, no campo.

### 3.5 PROPOSTAS CONTRIBUINTES

Mediante o resultado da pesquisa na escola investigada, constata-se os desafios e que as dificuldades estão bem evidenciadas, há a necessidade de sugestão de algumas propostas que possam contribuir com os professores que trabalham na escola e que possam ajudar para um trabalho docente com eficácia, que tenha sucessos e que aconteça a aprendizagem.

- Utilizar metodologias diferenciadas que atendam a todas as turmas com multissérie.
- Elaborar projetos envolvendo a comunidade civil para interagir com a escola.
- Promover palestra com os pais sobre convivência familiar e escolar.
- Produzir oficinas de materiais didáticos- pedagógicos que facilitem a aprendizagem.

- Utilizar a ludicidade, como jogos e brincadeiras como estratégias metodológicas para dinamizar as aulas.

De acordo com as necessidades da escola do campo, da realidade em que vivem os professores e alunos, sobre a questão curricular, as metodologias utilizadas, a acessibilidade e demais condições para que a educação do campo, na condição de multiseriada, para que tenham resultados com uma aprendizagem eficaz, é preciso que propostas sejam executadas, aprimorando-as de acordo com o contexto em que a escola está inserida. “O tratamento específico da educação rural, teria, pois, dois fundamentos: a condição carente do homem do campo ou sua pobreza econômica e, em contraste, sua riqueza cultural”. (ARROYO, 1992, p. 3). É preciso tratar a educação da melhor forma possível, de acordo com sua realidade.

Enfim, trabalhar a educação multisseriada é um desafio, por ser esta a condição de trazer a educação escolarizada até ao campo; e as dificuldades sempre presentes podem se tornar menos difíceis, se direcionadas às políticas públicas, recursos adequados e professores qualificados para lidarem com uma realidade diferente da vida urbana, mas que existe com suas especificidades.

## CONCLUSÃO

A educação do campo, com classes multisseriadas, ainda enfrenta muitos impasses, quando trata-se de salas formadas com classes séries diferentes, e com disparidades de séries e idades.

Com esse direcionamento, vê-se que a educação do campo é uma concepção política pedagógica voltada para dinamizar a ligação dos seres humanos com a produção das condições de existência social, na relação com a terra e o meio ambiente, incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. (BRASIL, 2002).

Ao tratar dos desafios enfrentados pelos professores de uma escola campesina, Duque de Caxias, Km 40, no município de Rurópolis- Pará, percebeu-se através de uma pesquisa ocorrida em Novembro de 2021, com quatro professores que trabalham efetivamente na instituição, o que as dificuldades são diversas, a partir das séries que compõem uma sala de aula.

Verificou-se que os pais pouco participam das atividades dos filhos e da escola, que suas contribuições e presenças são necessárias para a vida educacional e sucesso de seus filhos, mas que suas ausências são justificadas por exercerem outras ocupações, que precisam suprir as necessidades familiares.

Percebeu-se também, que o currículo é adaptado e unificado, onde ministra-se atividades e conteúdos de uma série anterior e conseqüentemente, trabalha-se os conteúdos das séries seguintes. Isto, para que tenham sucessos na medida do possível, constituindo assim, um desafio para os docentes, como também a falta de recursos didáticos pedagógicos, embora os docentes sejam qualificados, há outros fatores que dificultam o desenvolvimento de uma aula eficaz.

Ainda pode-se constatar que as dificuldades presentes, como a ausência dos pais na escola, embora a escola promova atividades cívicas sociais para a inserção dos mesmos. Também percebeu-se que os alunos são trabalhadores, considerado que vivem na roça, e também ajudam os pais para no trabalho, revezando dessa forma, escola e trabalho.

Portanto, é preciso tornar a escola do campo, um importante espaço e valorização, com orientações pedagógicas específicas ao campo, para que os alunos possam compreender a valorização da educação e do espaço em que vivem, com seus privilégios e riquezas de culturas e costumes, com oportunidades para

uma prática escolar que valorize o meio rural, bem como ferramentas que discutam em sala de aula as possibilidades de permanecer no campo com qualidade de vida, educação e acima de tudo, com dignidade, valorização de suas identidades e valores.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. Gonzalez. **Escola, Cidadania e Participação no Campo**. Em Aberto. Brasília: nº 9, Set., 1992.
- ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica (orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzales. **Imagens quebradas** Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil. 1988**
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB**. Lei no 9394/1996.
- BRASIL. **Projeto Escola Viva: Adaptações curriculares de pequeno porte**. BRASIL. Projeto Escola Viva: Adaptações curriculares de pequeno porte MEC/SEESP,2000. MEC/SEESP,2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, abr./2002.
- BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. Brasília: CNE/MEC, 2002.
- Brasília, DF: **Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas**, 2010.
- BRASIL. **Parecer CNE/CEB 11/2000-homologado, 2000**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 de jun. 2000. Disponível em: . Acesso em 11 set. 2021.
- CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: identidade e políticas Públicas**. Brasília, 2002.
- CALDART, Roseli Salete. **Sobre educação do campo**. In SANTOS, C. A. dos (Org.) **Educação do Campo: campo, políticas públicas, educação**. Brasília, INCRA/MDA, 2008.
- CALDART, R. S. **Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo**. In: SEED. Secretaria de Estado da Educação. Cadernos Temáticos: educação do campo. Curitiba: SEED/PR, 2005.
- CARNEIRO, Maria José. **O ideal Urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: SILVA, Francisco C.; SANTOS, Raimundo; COSTA, Flávio de C. (org). **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus. 1999.
- CASTRO, Gilda. **Professor submisso, aluno cliente: reflexões sobre a docência no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COMILO, Maria Edi da Silva. **A construção coletiva da escola: a Escola Chico Mendes e sua História.** In: ANGHINONI, Celso; MARTINS, Fernando José (Org.). **Educação do campo e formação continuada de professores.** Porto Alegre; Campo Mourão: EST Edições; FECILCAM, 2008.

CONTAG. **A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura** . 1962)

CONTAG – **Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Educação do campo: diretrizes operacionais.** Brasília-DF: CONTAG; MDA, 1962.

DAVIANI, Maria Cristina. **Currículo integrado. 2010** Disponível em: [https://www.org.br/rh/publicações/textos\\_apoio/pub.04u2t8.pdf](https://www.org.br/rh/publicações/textos_apoio/pub.04u2t8.pdf). Acessado em Out de 2021

FERREIRA, F. de J.; BRANDÃO, E. C. **Educação do Campo: um Olhar Histórico, uma Realidade Concreta.** 2011. Disponível em < [http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicações/paginas/2012/1/\\_publiP.pdf](http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicações/paginas/2012/1/_publiP.pdf)> Acesso em: 13 de Setembro de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ªed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Mudanças societárias e as questões educacionais da atualidade no Brasil.** Revista Ciência & Opinião. V. 2. nº 1/2. Curitiba. Jan/dez de 2005.

GALVÃO, I. Henri Wallon: **uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 2001.

GEHRKE, Marcos. **Gestão Democrática da Educação Escolar do Campo.** In: PIRES, Ana Christina Duarte et al. **Gestão democrática da educação do campo.** Curitiba: UFPR Litoral, 2010.

HAGE, Salomão. **A importância da articulação da identidade e pela educação do campo na construção da identidade e pela luta da educação do campo.** Texto apresentado no I Encontro de formação dos Educadores do Campo do Nordeste Paraense, realizado em Bragança. Abril/ 2005.

KUENZER, Acacia Z. **Educação e Trabalho: a construção de saberes contemporâneos. Seminário Estadual de Educação Popular: Construção Social do Conhecimento, Desenvolvimento e Inclusão.** Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 22 a 25 de maio de 2002.

LACASA, P. (2010). **Ambiente familiar e educação escolar: a interseção de dois cenários educacionais.** In: C. Coll, A. Marchesi, & J. Palácios (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação** (2ª ed.): (Vol. 2: **Psicologia da educação escolar**, pp. 405-408). Porto Alegre: Artmed.

MEDEIROS, R. M. V; FALCADE, I (Org.). **Expressões da re-territorialização do campo brasileiro.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013.

MELO, José Carlos de. **Por entre as águas do sertão: currículo e educação ambiental das escolas rurais do Jalapão**. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP).

MINETTO, Maria de Fátima.:**Currículo na Educação Inclusiva: Entendendo esse desafio**. 2ª ed. Curitiba: IBEPEX,2008.

MUNARIN, Antônio. **Educação do Campo: desafios teóricos e práticos**. In MUNARIN, Antônio; BELTRAME, Sônia; CONDE, Soraya Franzoni; PEIXER, Zilma Isabel (Orgs). **Educação do Campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2.ed.,2011.

OLIVEIRA, Liliâne Lúcia Nunes de Aranha; MONTENEGRO, João Lopes de Albuquerque. **Panorama da Educação do Campo**. In: MUNARIM, Antônio. PALUDO, Conceição. **Educação Popular e Educação (Popular) do Campo**. In: MIRANDA, & SCHWENDLER, (Org.). **Educação do Campo em movimento: teoria e prática cotidiana**. Vol. 1. Curitiba: Ed.UFPR, 2001.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

QUEIROZ, L. R. S. **Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música**. Revista da Abem, Porto Alegre, n. 10, p. 99-107, 2004.

SILVA, Maria do Socorro. **Os saberes do professorado rural: construídos na vida, na lida e na formação**. Recife, 2000.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2010.

UNESCO-Nações Unidas para a Educação e Cultura para o Brasil. 2015.

WIZNIEWSKY, C. R. F. **A contribuição da Geografia na construção da educação do campo**. In: MATOS, K. S. A. L. de; WIZNIEWSKY, C. R. F.; MEURER, A. C.; DAVID, C. de. (Org) **Experiências e diálogos em educação do campo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Disponível em: . Acesso em: 30 set- 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Bom tempo, 2003.

TFOUNI. Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo. Editora Cortez, 1995.

VEIGA, Ilma Passos A. **A prática pedagógica do professor de Didática.** Campinas, SP: Papirus, 1989.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **APÊNDICES**



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
PORTARIA/MEC N°. 2560 DE 15/09/03**

Este questionário faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- Pará, intitulado: DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.

**QUESTIONÁRIOS PARA OS PROFESSORES**

Identificação:

\*Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

\*Graduação: \_\_\_\_\_

\*Pós- Graduação: \_\_\_\_\_

\*Quantos anos trabalha nesta escola? \_\_\_\_\_

\*Já trabalhou em outra instituição de ensino? \_\_\_\_\_

1. Os professores estão qualificados para trabalhar na educação do campo?

---

---

---

---

---

2. Quais são os desafios da docência na educação do campo?

---

---

---

---

---

3. Quais metodologias são utilizadas pelos professores no campo?

---

---

---

---

---

4. Quais são os perfis dos alunos que estudam na zona rural?

---

---

---

---

---

5. A escola promove atividades envolvendo os pais? Explique como?

---

---

---

---

---

6. Como trabalhados os currículos em sua escola? (Explique há adaptação curricular, etc)

---

---

---

---

---

Obrigado!